



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**VERÓNICA CRISTINA NOEMIA ALVES**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA GUINÉ-BISSAU:  
CONCEITOS, PRECEITOS E FRONTEIRAS DESPERCEBIDOS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**VERÓNICA CRISTINA NOEMIA ALVES**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA GUINÉ-BISSAU:  
CONCEITOS, PRECEITOS E FRONTEIRAS DESPERCEBIDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte desta obra pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento dos autores e dos editores.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB  
Sistema de Bibliotecas da Unilab - SIBIUNI  
Catalogação de Publicação na fonte

Bibliotecária-documentalista: **Helka Sampaio Ramos** – CRB 5 / 1432

---

A477a Alves, Verónica Cristina Noémia  
Alfabetização e letramento na Guiné-Bissau : conceitos, fronteiras e preceitos despercebidos /  
Verónica Cristina Noémia Alves. – São Francisco do Conde-BA, 2023.  
64 p. ; il.

Monografia (graduação), Instituto de Humanidades e Letras / Malês, Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde-BA, 2023

Orientador: Prof.º Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

1. Alfabetização – Guiné-Bissau. 2. Letramento – Guiné-Bissau. 3. Linguística  
educacional. 4. Linguagem e educação. 5. Linguagem e línguas – Estudo e ensino – Guiné-  
Bissau. I. Silveira, Alexandre Cohn da (Orient.). II. Título.

CDD 372.4

---

BA/UF/BSCM

**VERÓNICA CRISTINA NOEMIA ALVES**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA GUINÉ-BISSAU:  
CONCEITOS, PRECEITOS E FRONTEIRAS DESPERCEBIDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 31 de janeiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira - Orientador**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre - Examinadora**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cristina Ferreira da Silva - Examinadora**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e saúde que me proporcionou.

Aos meu pai, José Alves Júnior, por não me abandonar e por ter colocado a educação, o estudo e o crescimento sempre em primeiro lugar. À minha querida mãe, Naride Beatriz Pereira Alves, mulher de coração bom, humilde e batalhadora, que sempre me incentivou e apoiou em todos os momentos da minha vida seja elas bons ou ruins.

Aos meus irmãos Yannick Noa Jean Charles Alves, Elizandra Lopes, Francelino Martins Lopes e Adler Lopes, por terem me apoiado a seguir em frente e atingir os meus objetivos. E aos meus tios, tias e primos.

Os meus agradecimentos vão especialmente pelo meu querido professor orientador Doutor Alexandre Cohn da Silveira (Xandy) pela paciência, dedicação, apoio, carinho e atenção dado durante a realização desse trabalho, me encorajando e contribuindo para o prosseguimento do referido trabalho, meu muito obrigado.

Agradeço a todos os meus colegas estudantes Guineenses da UNILAB que disponibilizaram um pouco do seu tempo para responder os questionários da pesquisa, por motivos do sigilo não posso mencionar os nomes, muito obrigada por contribuírem para o andamento do desse trabalho.

De um jeito muito especial agradeço as pessoas que marcaram a minha vivência em São Francisco do Conde /BA a quem tenho muito carinho, respeito e consideração, Alquiloma João Iala, Mariama Turé, Lucas Augusto Cabi, Jaquiela Gomes, Marcos Nunes Junior, Sandra Correia N'Tchama e aos demais que não mencionei os nomes, sintam-se contemplados.

Agradeço a banca examinadora na pessoa de professora Profa. Dra. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre uma excelente professora e ajudou muito no desenvolvimento da nossa pesquisa com as suas aulas de Estágio II, obrigada e a Profa. Mestra Cristina Ferreira da Silva pela gentileza e por último agradeço por aceitarem o convite de participar na avaliação e apresentação desse trabalho.

Por fim agradeço a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) por proporcionar experiências e conhecimentos que vou levar para vida.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema Alfabetização e Letramento na Guiné-Bissau: conceitos, fronteiras e preceitos despercebidos, tendo em conta o sistema educativo monolíngue guineense, realizado apenas por meio da língua portuguesa, desconhecida pela maioria das pessoas no país. A partir disto foi proposta a seguinte pergunta de pesquisa: Como se dá a alfabetização e o letramento na educação da Guiné-Bissau? O trabalho tem como objetivo geral estudar a realidade da Guiné-Bissau em termos de alfabetização e letramento, com vistas a contribuir para uma educação linguística mais democrática, organizada e desenvolvida. Além disso, o trabalho também conta com os seguintes objetivos específicos: a) Discutir os conceitos de “alfabetização” e “letramento”; b) Analisar os problemas de analfabetismo e falta de letramento na Guiné-Bissau; c) Descrever a importância dos processos de alfabetização e letramento para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade. O trabalho foi feito com base em estudos anteriores que se debruçaram sobre alfabetização e letramento (SOARES, 2003; KLEIMAN, 2005; STREET, 2014; dentre outros). A metodologia que conduziu este trabalho é de caráter qualitativa, com pesquisa bibliográfica. Com base nisso, os dados foram coletados através da aplicação de questionários para 15 estudantes Guineenses que estudam em diversos cursos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus dos Malês, sendo pessoas dos gêneros masculino e feminino. Os resultados indicam que na Guiné-Bissau a maioria é alfabetizada e letrada na língua desconhecida da maioria e que têm contato apenas na escola, sendo usada mais na escrita: o português. A maioria dos entrevistados declarou que sabia ler e escrever, sendo alfabetizados, porém isso não implica afirmar que são letrados. O ensino e aprendizagem na Guiné-Bissau é centrada na alfabetização e não se fala em letramento no país.

**Palavras-chave:** alfabetização - Guiné-Bissau; letramento - Guiné-Bissau; linguística educacional; linguagem e educação; linguagem e línguas - estudo e ensino - Guiné-Bissau.

## REZUMU

Es presentu tarbadju tene suma tema Alfabetizason i letramentu na Guiné-Bissau: konseitu, fronteras i preceitus ku ka pirsibidu, pabia di sistema di edukason di um lingua so guinensi, ku ta fasidu so na lingua purtuguis, ku ka kunsidu pa manga di djintis na país. A partir di es i fasidu siguinti purgunta di piskisa: kuma ku i ta akontisi alfabetizason i letramentu na Guiné-Bissau? tabardju tene suma objetivu garandi studa realidadi di Guiné-Bissau na termu di alfabetizason ku letramentu, ku na kontrubi pa un edukason linguistiku mas dimokratiku, organizadu i disinvolidu. Alen di es, tarbadju kontu tambu ku siguintis objetivus spesifikus: a) diskuti konseitus di “alfabetizason” i “letramentus”; b) analisa purbulemas di analfabetismu ku falta di letramentu na Guiné-Bissau; c) diskirvi nportansia di prusesus di alfabetizason i letramento pa disinvolvimentu di sidadon na sosiedadi. Es tarbadju fasidu ku basi na studus antirioris ku papia di alfabetizason i letramentu (SOARES, 2003; KLEIMAN, 2005; STREET, 2014; ku utrus). Metodologia ku konduzi es tarbadju i di karater kualitativu, ku piskisa bibliografiku. Ku basi na es, dados ku koletadu atraves di aplikason di purguntas pa 15 studentis guineensis ku na studa na diferentis kursus di Universidade di Integrason Internacional di Lusofonia Afro-Brasileru (UNILAB), e sedu guintis di generu maskulinu ku femininus. Rusultadus mostra kuma na Guiné-Bissau manga di guintis alfabetizadu i letradu na lingua ku eka kunsu ku e ta tene kontatu ku el son na skola, ku mas ta uzadu na skrita: purtuguis. Manga di ntrivistadus diklara kuma e sibi lei ku skirvi, e sedu alfabetizadus, ma ku ka ta da pa afirma di kuma e sedu letradus. Nsinu ku aprendizagen na Guiné-Bissau i sentradu na alfabetizason i letramentu ka ta papiadu del na país.

**Palabras-tchabi:** alfabetizason - Guiné-Bissau; letramento - Guiné-Bissau; linguistika educacional; linguagem e educason; linguagem e linguas - studo e ensino - Guiné-Bissau.

## ABSTRACT

The present work has as its theme Literacy and Literacy in Guinea-Bissau: unnoticed concepts and borders, taking into account the Guinean monolingual educational system, carried out only through the Portuguese language, unknown by most people in the country. From this, the following research question was proposed: How is literacy and literacy in education in Guinea-Bissau? The general objective of this work is to study the reality of Guinea-Bissau in terms of literacy and literacy, with a view to contributing to a more democratic, organized and developed language education. In addition, the work also has the following specific objectives: a) Discuss the concepts of “literacy” and “literacy”; b) Analyze the problems of illiteracy and lack of literacy in Guinea-Bissau; c) Describe the importance of literacy and literacy processes for the development of the individual in society. The work was based on previous studies that focused on literacy and literacy (SOARES, 2003; KLEIMAN, 2005; STREET, 2014; among others). The methodology that led this work is qualitative, with bibliographical research. Based on this, data were collected through the application of questionnaires to 15 Guinean students who study in various courses at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB), being people of the male and female genders. The results indicate that in Guinea-Bissau most are literate and literate in the unknown language of the majority and that they have contact only at school, being used more in writing: Portuguese. Most interviewees declared that they could read and write, being literate, but this does not imply that they are literate. Teaching and learning in Guinea-Bissau is centered on literacy and literacy is not talked about in the country.

**Keywords:** educational linguistics; language and education; literacy - Guinea-Bissau; language and languages - study and teaching - Guinea-Bissau.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Com quantos anos você aprendeu a ler e escrever?	46
<b>Quadro 2</b>	Conte como você aprendeu a ler e escrever, ou seja, o processo de aprendizagem, os métodos utilizados etc.?	47
<b>Quadro 3</b>	Você lembra de ter aprendido alguma palavra fora da escola? Conte como foi	52
<b>Quadro 4</b>	Você lembra de ter entendido algum conceito ou ideia antes de aprender a escrever o nome desse conceito ou ideia.? Conte como foi?	55
<b>Quadro 5</b>	Qual foi o seu maior desafio ou dificuldade no processo de aprendizado de ler e escrever?	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

INE: Instituto Nacional de Estatísticas

GB: Guiné - Bissau

SAB: Setor Autônomo Bissau

INAF: Indicador de Alfabetismo Funcional

RGPH: Recenseamento Geral de População e Habitação

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa em Educação

UNILAB: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

L 1: Primeira Língua

L 2: Segunda Língua

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I: SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO</b>	15
2.1	O QUE É ALFABETIZAÇÃO? – RESGATE HISTÓRICO SOBRE O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO	15
2.2	LETRAMENTO(S)	18
<b>2.2.1</b>	<b>Tipos de letramento</b>	21
2.2.1.1	<i>Letramentos emergentes</i>	21
2.2.1.2	<i>Letramento escolar</i>	22
2.2.1.3	<i>Letramento acadêmico</i>	22
2.2.1.4	<i>Letramento científico</i>	23
2.2.1.5	<i>Letramento colonial</i>	23
2.2.1.6	<i>Letramento cultural</i>	24
2.2.1.7	<i>Letramento digital</i>	25
2.2.1.8	<i>Letramento de (re)existência</i>	25
2.2.1.9	<i>Letramento político</i>	26
2.2.1.10	<i>Letramento racial crítico</i>	27
2.2.1.11	<i>Letramento literário</i>	27
2.2.1.12	<i>Letramento social</i>	28
2.2.1.13	<i>Letramento linguístico</i>	28
2.3	A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO HUMANA	29
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA GUINÉ-BISSAU</b>	32
3.1	COMO AS CRIANÇAS APRENDEM AS LÍNGUAS EM GUINÉ-BISSAU	32
3.2	PROCESSOS DE LETRAMENTOS NA GUINÉ-BISSAU	38
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DE DADOS</b>	42
4.1	A PESQUISA	42
4.2	O QUESTIONÁRIO	43
4.3	OS SUJEITOS DE PESQUISA	45
4.4	AS RESPOSTAS E AS ANÁLISES	46
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	62
	<b>REFERÊNCIAS</b>	64

## 1 INTRODUÇÃO

A educação de um modo amplo vai além do ambiente escolar. Ela é ato de educar, é gentileza, é sobre instrução, disciplinamento, ela significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma sociedade são transferidos de geração para geração. A noção da educação não se baseia apenas no olhar científico, ela é também um conjunto de ritos e manifestações populares que são construídos pelas comunidades, ou seja, tudo que se aprende socialmente ao longo da vida, por isso existem os processos de letramento e alfabetização para especificar o que se aprende na escola e fora dela. A educação é muito importante para o desenvolvimento de uma sociedade ou um país.

“A República da Guiné-Bissau está situada na Costa Ocidental de África, faz fronteira com a República do Senegal (ao Norte) e com República da Guiné-Conakry (ao Sul e Leste).” (CÁ, 2020, p.14). De acordo com o Banco Mundial (2021) “a costa atlântica da Guiné-Bissau é composta pelo arquipélago dos Bijagós com mais de 100 ilhas.” Ainda Segundo Banco Mundial (2021), A Guiné-Bissau tem cerca de 2,060,721 milhões de habitantes e uma superfície de 36.125 km<sup>2</sup>. Administrativamente, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões - Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau (SAB). (INE/GB, 2009).

As percentagens da população alfabetizada, frequência escolar e nível de instrução no último recenseamento geral de população e Habitação (RGPH) realizada na Guiné-Bissau em 2009 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE/GB) constatou que:

A maioria da população de nacionalidade guineense de 6 anos ou mais alfabetizada, ou seja, sabe ler e escrever (51,9%). [...] a população de nacionalidade guineense de 6 anos ou mais segundo frequência escolar. Observa-se do mesmo que a maioria nunca frequentou um estabelecimento de ensino (43,7%), 32,0% frequentam atualmente e 23,1% nunca frequentou. [...] No que se refere ao nível de instrução nota-se que a maioria dessa população possui o nível Básico Unificado (33,2%). Com efeito, 12,6% possuem o secundário, 0,5% o nível profissional e menos de 1% nível médio ou universitário. (INE/GB, 2009, p. 45, 47 e 53)

Tem as línguas étnicas, língua crioula que é a língua veicular, de unidade nacional e é a mais falada. A língua Portuguesa é a oficial, a única língua do ensino, utilizada nos documentos e nos órgãos de comunicações sociais sendo a menos falada no país. O português por ser menos falada e a única língua adotada pelo sistema de ensino Guineense prejudica os processos de alfabetização e Letramento porque para refletir- se em resultados positivos é necessário que eles ocorrem na língua materna do educando onde consiga fazer a ponte entre

o conteúdo a ser ensinado e a realidade do aluno. Nesse caso a língua portuguesa é uma barreira muito grande porque não corresponde à realidade linguística da sociedade Guineense.

Nesse sentido, propomos a seguinte pergunta de pesquisa: Como se dá a alfabetização e o letramento na educação da Guiné-Bissau?

Sabe-se que as hipóteses têm como objetivo buscar soluções para o problema em questão. Elas são importantes e podem ser comprovadas ou refutadas. Para este trabalho foram levantadas as seguintes hipóteses. Primeiramente antes de mencionar as hipóteses vale ressaltar que com vista a contribuir para uma educação de qualidade na Guiné-Bissau é indispensável trazer reflexões viáveis. As hipóteses são as seguintes:

1. Os processos de Letramento e Alfabetização na Guiné-Bissau ocorrem em uma única língua adotada pelo sistema educativo que não corresponde com a realidade sociolinguística do país;
2. Os métodos utilizados e a forma como são utilizados para alfabetizar e letrar as pessoas não dão bons resultados ou não atendem ao bom desenvolvimento de capacidades e habilidades dos alunos;
3. A falta de materiais didáticos adequados no ensino guineense que atendem as necessidades dos alunos com conteúdo e visões voltadas para a realidade do país para alfabetizar os alunos e buscar melhor estratégias de letramento para eles;

A língua portuguesa é uma barreira ao ensino e aprendizagem na Guiné-Bissau. Na sala de aula a maior parte dos alunos não são contemplados com relação aos conteúdos, a língua, aos materiais didáticos e aos métodos utilizados para o ensino porque não possuem o português como a língua materna.

Com base nessas hipóteses, o presente trabalho tem como objetivo geral estudar a realidade da Guiné-Bissau em termos de alfabetização e letramento com vistas a contribuir para uma educação linguística mais democrática, organizada e desenvolvida. Além disso, o trabalho também conta com os seguintes objetivos específicos: a) Discutir os conceitos de “alfabetização” e “letramento”; b) Analisar os problemas de analfabetismo e falta de letramento na Guiné-Bissau; c) Descrever a importância dos processos de alfabetização e letramento para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

É de extrema importância o ensino da língua materna na escola, dado que ela abarca os traços culturais e identitários de um povo e por outro lado traz bons resultados nos processos de letramento e alfabetização destes.

A metodologia que conduziu este trabalho é de caráter qualitativa porque os dados coletados não compreendiam números ou estatísticas para servirem de base no momento de análise de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Com base nisso os dados foram coletados através da aplicação de questionários para 15 estudantes Guineenses que estudam em diversos cursos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sendo pessoas dos gêneros masculino e feminino. Essas pessoas pertencem à faixa etária de 20 a 35 anos. A pergunta escolhida para o questionário foi a aberta com a elaboração de cinco (5) perguntas e elas dizem respeito aos processos de Alfabetização e Letramento no ensino guineense.

O trabalho, além da introdução e considerações finais, conta com 3(três) capítulos. O primeiro expõe discussões sobre os conceitos de “alfabetização” e “letramento”, trazendo um resgate histórico sobre esses processos, seus surgimentos, definições e tipos. Aborda também a importância dos processos de alfabetização e letramento na formação humana. No segundo capítulo, tratamos especificamente da Guiné-Bissau e de como os processos de Alfabetização e Letramento se dão no seu sistema de ensino. Primeiramente, fizemos uma contextualização sobre a Guiné-Bissau, o cenário multilíngue existente e seu sistema de ensino. Em seguida, explicamos como se dá o aprendizado de línguas no processo de escolarização dos guineenses. Por fim, abordamos sobre os processos de letramento promovidos no país.

O terceiro capítulo onde apresentamos os caminhos percorridos para realização da nossa pesquisa e para obtenção e coleta de dados necessários para termos base para as análises realizadas. Para começar, explicamos o tipo de pesquisa que utilizamos no nosso trabalho, classificando-a com base nas várias formas existentes. Em seguida, explicamos o questionário aplicado e o tipo de perguntas utilizadas para a coleta, além de apresentarmos o porquê da escolha. Depois explicamos o que pretendemos entender com cada pergunta feita para as pessoas e quem são as pessoas que responderam as respectivas questões, apontando o seu quantitativo, o gênero e a idade. Para concluir, trazemos as respostas dos questionários organizadas e as análises realizadas. O trabalho termina abarcando as considerações finais e referências bibliográficas.

Este trabalho é uma contribuição que servirá de base para o desenvolvimento de outros trabalhos relacionados a melhoria da qualidade de ensino na Guiné-Bissau, levando em consideração os processos de letramento e alfabetização. É importante ressaltar que os processos de letramento e alfabetização precisam ocorrer na língua materna para que os resultados escolares sejam positivos.

## 2 CAPÍTULO I: SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Este capítulo expõe discussões sobre os conceitos de “alfabetização” e “letramento”, trazendo um resgate histórico sobre esses processos, seus surgimentos, definições e tipos. Aborda também a importância dos processos de alfabetização e letramento na formação humana.

### 2.1 O QUE É ALFABETIZAÇÃO? – RESGATE HISTÓRICO SOBRE O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização se dá de uma forma intencional, desde o momento que a criança começa a falar em casa com os pais e com todas as pessoas que a rodeiam, e a escola é o lugar onde ela vai aperfeiçoar isso. A alfabetização envolve o ensino de letras, suas diferenças, ou seja, consiste em decodificar o alfabeto, saber lê-las e escrever as palavras ou uma frase. Magda Soares define a alfabetização “[...] como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica” (SOARES, 2003, p.7). Barnabé; Marotto e Telau (2016, p. 2) acrescentam que “[...]A Alfabetização é um processo pelo qual a pessoa se torna capaz de ler, compreender o texto e se expressar por escrito”

Vale salientar que a alfabetização sempre esteve presente na história do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e determinava, exclusivamente, o processo da inserção do indivíduo no campo da escrita (SOARES, 2003). Sabemos que conhecer as letras, o som delas e como elas estão organizadas é o básico na alfabetização de uma criança ou adulto. É através desse conhecimento que ele/a consegue escrever uma palavra e ler essa mesma palavra, mas tendo um contato direto com o texto. Sem primeiro ter esses conhecimentos prévios, essa pessoa teria dificuldades em ler e compreender o que está lendo.

Para Soares (2003), o processo da alfabetização não vai além do ensino de codificação e decodificação de letras, havendo muitos métodos e estratégias de alfabetizar, tanto métodos antigos, quanto atuais. Todos são importantes e podem ser usados, porém tudo depende de como o professor vai usá-los, lembrando que “[...] uma vez esse processo ocorrendo de forma incorreta, as consequências são graves e por vezes até irreversíveis, perdurando por todo o percurso escolar” (SOUZA; LEITE, 2018 p.1) De acordo com Barnabé, Marotto, Telau (2016, p.9) “O melhor método para alfabetizar vai depender de pesquisas, planejamento, troca de experiências e muita criatividade por parte do professor”

Antes do surgimento da escrita, os seres humanos se comunicavam através da fala. Com o surgimento da escrita tudo mudou, as coisas ficaram mais complexas. Atualmente a escrita é colocada a mais alto nível, considerada mais importante do que a fala. Com toda essa mudança as pessoas que não têm domínio do código escrito são inferiorizadas e menosprezadas por aquelas que têm o domínio do código escrito.

[...] a escrita pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e do desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade das quais foi adotada de maneira ampla. Por outro lado, não podem ser esquecidos fatores como as relações de poder e dominação que estão por trás da utilização restrita ou generalizada de um código escrito. (TFOUNI, 2006, p. 8)

Diferente da escrita e da leitura, o saber é uma condição que se encontra oculta no ser humano. Para chegarmos a quem somos e com todo esse saber, nossos antepassados foram acumulando saberes que foram transferidos por nossos pais e eles a nós por meio da oralidade, cabendo a nós passar para os nossos descendentes. Às vezes esses saberes são escritos, mas, escrita não é o saber em si e sim a imagem ou a cópia do saber. (BA, 2013)

O saber é uma ação constante dos seres humanos. São desenvolvidos através de crenças, valores culturais, ritos e manifestações populares que são construídos nas suas comunidades. A escrita é o meio que utilizamos para registrar ou representar esses conjuntos de saberes adquiridos, nossas ideias e sentimentos ao longo da vida, mas, antes disso acontecer primeiro passamos pelo processo de alfabetização que visa ensinar ler e escrever.

A alfabetização é um processo muito importante e irreversível, é uma arma poderosa e perigosa para um governo que não quer que a população reivindique critique as suas leis, discursos e a forma como está conduzindo o país(FREIRE, 1989), por isso que, quando se fala da alfabetização, ao mesmo tempo também se fala da política, porque a decisão de como as pessoas de um determinado país devem ser alfabetizadas, e em que língua isso acontece, sempre está nas mãos do governo para criar uma estrutura de controle social sobre o povo.

Vamos lembrar que a língua de alfabetização tem que ser – ou deveria ser – uma língua dominada pela maioria (língua majoritária ou materna de muitos), porque é por meio da língua materna, que a pessoa enxerga o mundo, raciocina, cria hipóteses e sabe que lápis é lápis. Segundo Paulo Freire (1996), o educador tem que ter consciência de que o educando não entra na escola vazio, ele/a já chega com algum conhecimento da sua comunidade. Esses saberes devem ser respeitados sendo fundamental estabelecer uma relação deles e dos saberes curriculares fundamentais ao aluno. Caso contrário, de acordo com Freire, isso pode atrapalhar o processo de alfabetização.

Ainda Freire (1996) nos mostra que um professor pode alfabetizar muito melhor se ao mesmo tempo está ensinando a fazer a leitura do mundo, porque os educadores devem abraçar a causa de que os educandos são seres sociais, históricos transformadores e criadores, mas sem se exibir ou achar melhor que o outro e respeitar a identidade cultural dos educandos.

No passado o analfabetismo era único critério usado para denominar as pessoas que não frequentam a escola e não tem domínio do código escrito, assim como, por sua vez, o alfabetismo indicava pessoas que frequentam a escola e têm domínio do código escrito. Com o avanço da ciência, sabe-se que toda e qualquer pessoa que vive numa sociedade e participa das práticas sociais contínuas, mesmo não frequentando a escola, têm um pouco do alfabetismo. Dessa forma, de acordo com Tfouni (2006), “[...]talvez seja melhor não falar da alfabetização simplesmente, mas em graus, ou níveis, de alfabetização” (TFOUNI, 2006, p.9).

Conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2018) são vários os níveis de alfabetização e esses níveis são classificados por pessoas da seguinte forma:

- **Analfabeto** - para pessoa que só sabe escrever o seu nome no máximo;
- **Rudimentar** - para a pessoa que tem pouco domínio do código escrito e consegue se virar com esse pouco;
- **Elementar** - permite com que a pessoa se vire um pouco mais com o que tem;
- **Intermediário** - consegue escrever um texto e argumentar sobre algo;
- **Proficiente** - a pessoa já tem um nível mais alto consegue escrever artigo, dissertação etc.

Os indivíduos considerados “analfabetos” e nível “rudimentar” são chamados de “analfabetos funcionais”, pois, apesar de terem alguma funcionalidade, não dominam o código escrito. E os três últimos níveis de alfabetização – “elementar”, “intermediário” e “proficiente” – juntos são chamados de “funcionalmente alfabetizados” porque têm um nível alto de funcionalidade e mobilizam o código escrito sem muitas complicações.

As pessoas eram alfabetizadas de uma forma errada e tecnicista. Tudo acontecia tão rápido que nem dava o tempo de a pessoa racionar ou ter suas próprias ideias e eram obrigados a reproduzir as coisas como elas são.

[...] mas o problema está no fato de que a tentativa de aquisição está partindo da parte para chegar no global e não do global para chegar nas partes como sugere o método da notação, e essa inversão trouxe aos nossos estudantes da época e ainda traz para aqueles que passam por esse tipo de alfabetização problemas graves, principalmente no que diz respeito a escrita gráfica, uma vez que aprendem a escrever como leem e também no que diz respeito a interpretação de textos, já que

aprendem a partir de palavras soltas, descontextualizadas[...]” (SOUZA, LEITE, 2018 , p.6)

Antes as pessoas eram ensinadas letras através do som sem levar em consideração o contexto e o que está por trás dessas letras, só tinham uma visão ou um conhecimento superficial, não eram ensinadas a ler, interpretar, produzir o texto sobre os acontecimentos da sua realidade. Com passar dos tempos surgiram novas necessidades e elas exigiam muito mais que um simples conhecimento das letras e os seus sons. “O que está claro é que, atualmente, o sujeito precisa tornar-se um leitor eficaz para inserir-se na sociedade” (BARNABÉ, MAROTTO, TELAU, 2016, p.6).

Atualmente percebe-se que o conceito sobre a alfabetização e a forma como ela era gerenciada, as técnicas e os métodos utilizados mudaram muito devido a evolução social, econômica e política e as exigências que as acompanham. Elas exigem da escola assim como dos professores uma formação de qualidade, a avaliação e/ou mudança da sua prática. Os professores são a ponte de referência na construção de saberes científicos em diálogo com outros saberes fora da academia. Sendo assim, eles trabalham afincadamente juntamente com a escola e estão sempre preparados para adaptar as mudanças, buscar e levar para a sala de aula novos conteúdos e desafios que a modernidade cria relacionando-os com a realidade do aluno, isso tem contribuído de uma forma positiva na formação de seres sociais éticos, humanos, competentes e capazes de desenvolver o senso crítico da sociedade em que vivem.

## 2.2 LETRAMENTO(S)

O “Letramento” surgiu no campo de ensino e aprendizagem linguístico para satisfazer a necessidade que se sentia na sociedade de que algo estava faltando para explicar o fenômeno do entendimento interpretativo, que vai além de um simples domínio de codificação e decodificação da escrita. Foi nessa circunstância que surgiu o termo “letramento”. Conforme Soares (2003) ao longo dos anos 1980, em alguns países como Portugal, Estados Unidos, França, Inglaterra e no Brasil aconteceu ao mesmo tempo a concepção do termo “letramento”. A partir daí apareceram muitos artigos e livros publicados que falam sobre o assunto. Tfouni (1995, p.30) esclarece que “A necessidade de se começar a falar de Letramento surgiu (...) na tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta”.

Com relação a etimologia da palavra letramento, Soares explica que, a partir da língua inglesa “*Literacy* que vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado de ser.” No *Webster’s Dictionary*, o termo *literacy* tem acepção de condição de ser *literate* (no inglês seria letrado, especialmente, capaz de ler e escrever). Enquanto no português “letramento” está ligado a *literacy*, o termo *literate* possui o correspondente “letrado” como sendo a pessoa versada em letras, “erudito”. O termo *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. A autora ainda destaca que “a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la”. (SOARES, 1999. p.17)

É importante ressaltar que a leitura e a escrita não acontecem só na escola, elas estão presentes no cotidiano das pessoas, sejam elas alfabetizadas ou não, em todos os espaços públicos e privados que frequentam. Isso justifica-se porque, segundo Kleiman (2005), quando a pessoa está inserida numa sociedade letrada, ela participa das práticas de letramento vivenciadas nessa sociedade. As práticas de letramento contribuem para uma ampliação dos processos de leitura no que diz respeito à visão crítica dos letrados e, por isso, “[...] o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares.” (KLEIMAN, 2005, p.6)

Portanto, o “letramento” é um conceito amplo e complexo, usado por diversas áreas do saber, o que torna sua definição uma tarefa difícil. Trata-se de “[...] um processo de aprendizagem social e histórico da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas[...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 21). Também é “[...] entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (SOARES, 2003, p.2).

Considera-se que o processo de letramento é social e histórico porque, desde pequenos até a fase adulta, participamos continuamente das práticas sociais que incluem a linguagem escrita e as percepções de mundo construídas a partir dessas práticas.

[...] envolve as mais diversas práticas de escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, faz cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias por marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2010, p.25)

Neste caso não se pode falar que a pessoa é iletrada, e sim que existem graus de letramento para cada pessoa. Há pessoas que tem pouco letramento e outras com um grau mais avançado de letramento, enquanto há pessoas que passam por graus de letramento, porém nunca atingem o grau máximo, porque a sociedade é dinâmica e está em constante evolução. Conforme o tempo passa, surgem novas invenções, necessidades e as pessoas acabam por precisar aprender sobre esse algo novo.

É evidente que todos os povos do mundo falam e alguns escrevem. Atualmente, mesmo com escrita sendo muito valorizada, a oralidade é uma prática social quase indispensável. Mesmo assim, é dada muito mais importância à escrita do que à oralidade, ao ponto de se considerar a pessoa que não domina o código como sendo de baixa categoria, não educada. Por outro lado, aquela que tem domínio do código escrito é mais valorizada socialmente como uma pessoa educada e escolarizada, cabendo a estas os lugares de prestígio na sociedade.

Como são processos sociais com suas particularidades, a escrita e a oralidade – assim como alfabetização e letramento – são duas práticas fundamentais importantes para a sociedade, e uma não é superior a outra, uma vez que elas se completam. Existem comunidades que não usam a linguagem escrita e não necessariamente são grupos sociais compostos por analfabetos porque a escrita não faz parte daquele meio ou grupo, não é significativa para as necessidades comunicativas dessas comunidades.

Para as comunidades sociais em que a escrita ocupa lugar de necessidade e privilégio, as chamadas “agências de letramento” operam as práticas que contribuem para o letramento dos indivíduos. “Agência de Letramento”, de acordo com Kleiman (2005) é o espaço em que o código da escrita desempenha sua função social de destaque. São elas: a escola, os mercados, a igreja, a imprensa, o ponto de ônibus, a discoteca, o bar, o hospital etc. Elas são múltiplas. Entendemos sim, que a escola é uma agência de letramento, mas não é a única, onde houver práticas sociais que envolve leitura e escrita chamados de “eventos de letramento” Ali se dá um processo de letramento tantas quantas são as possibilidades humanas de locais de letramento, é por isso que não dá para falar letramento no singular, mas sim Letramentos no plural porque existem vários tipos de letramentos. “isso é o que acontece nas sociedades complexas que não é possível atingir objetivos ou realizar tarefas apenas falando” (Kleiman, 2005, p.7).

Brian Street, na primeira parte do seu livro intitulado “Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação”, explica

que todas as sociedades do mundo se posicionam a partir de dois modelos ou conceitos de Letramento: o ideológico e o autônomo. O autor foca sua discussão na diferença entre os dois modelos, apresentando argumentos fortes e exemplos, a fim de mostrar que Letramento é o resultado de práticas sociais de leitura e escrita, de natureza cultural e social. Para o autor,

[...] o modelo autônomo pressupõe uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado associa-o a “progresso”, “civilização”, liberdade individual e mobilidade social. (...) Um modelo “ideológico”, por outro lado, força a pessoa a ficar mais cautelosa com grandes generalizações e pressupostos acalentados acerca do letramento “em si mesmo”. (STREET, 2014, p. 9)

O autor defende o modelo ideológico, uma vez que “aprender letramento” não é só adquirir conteúdos, mas sim aprender dentro de um processo. Dentro dessa ideia, o autor acredita que o professor não pode se considerar o detentor de todo o saber e sim deve conceber o letramento como prática social, respeitando a cultura do aluno e as práticas cotidianas a que esse aluno está exposto a fim de ampliar a capacidade comunicativa destes. O processo de letramento acontece em contextos e espaços diferentes, mas “[...] a extensão de semelhança entre práticas letradas na comunidade, em casa e na escola [...] em todos esses contextos existe um traço comum, derivado de processos culturais e ideológicos mais amplos”. (STREET, p. 21)

### **2.2.1 Tipos de letramento**

Passamos agora a apresentar, com base nos referenciais teóricos consultados, diversos tipos de letramentos possíveis, conforme as práticas sociais a que estão associados.

#### *2.2.1.1 Letramentos emergentes*

Trata-se de processos de letramento aos quais as crianças, que já tem alguma noção de como é que se dá a escrita, são expostas. Marcuschi (2010) e Kleiman (2005) nos explica que quando a criança começa a frequentar a escola, o processo de aprendizado da escrita faz emergir formas de letramento que atuam juntamente às formas de socialização da criança. Dependendo de onde a pessoa está vivendo, o seu processo de sociabilização também não acontece com todos, porque existem famílias que os pais são analfabetos e que quase não há textos escritos em casa, uma vez que a família não tem o hábito de utilização da escrita em seu cotidiano. Não existe a prática de deixar um bilhete ou uma carta e só usam a oralidade

em sua comunicação diária. Então, a criança que cresceu nessa família viveu um processo de letramento no qual foi menos exposta a práticas escritas e que, no momento de alfabetização, talvez demore mais tempo para dominar o código escrito.

### *2.2.1.2 Letramento escolar*

De acordo com Resende e Maciel (2015, p.162) “o letramento escolar é um tipo de prática de letramento que desenvolve um tipo de habilidade, não outros.” Ou seja, é tudo que as pessoas aprendem quando começam a frequentar a escola. No seio da escola passam por vários tipos de letramentos. Antes de começar a frequentar a escola as pessoas aprendem ler e escrever só que este acontece de forma diferente e com um propósito diferente de ler escrever que se aprende na escola que segue um padrão e regras específico da escola. Essas duas situações de uso de leitura não devem estar distantes para não prejudicar a aprendizagem dos alunos por isso Rojo (2012) considera que a escola deve dar possibilidades aos alunos de participarem das várias práticas sociais que existem, nas quais se utiliza leitura e escrita na vida cotidiana em comunidade de maneira ética, crítica e democrática. E ainda conforme Rojo (2012, p.11) “[...] é de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade.” Se não for o caso isso será o motivo de exclusão de outros grupos sociais presentes no ambiente escolar.

### *2.2.1.3 Letramento acadêmico*

Conforme dito no item anterior, quando começamos a frequentar a escola passamos por várias etapas. Etapas essas que se iniciam na educação infantil e vão até o ensino superior (academia). Durante a passagem do indivíduo por essas etapas ele aprende coisas novas e a capacidade de entender e enxergar as coisas também mudam porque depara com vários e diferentes tipos de conhecimentos e práticas que são específicos de cada etapa. Como o que se aprende e os conhecimentos adquiridos na academia são específicos do ambiente acadêmico. Nesse sentido,

o letramento acadêmico, visa em primeira instância desenvolver habilidades de leitura e de escrita dos gêneros que circulam nesse meio, pois, acredita-se que será também, através da aquisição dessas habilidades linguísticas que os alunos poderão participar de maneira ativa e competente dessa nova forma de discurso a que não

estão habituados quando entram na Universidade e apreender os saberes profissionais concernentes à docência e à sua atuação profissional. (COSTA e SILVA PENICHE, 2011, p.7885)

Todos aqueles conhecimentos que o estudante adquiriu e um conjunto de experiências vivenciadas durante a sua trajetória acadêmica são enriquecedoras e imprescindíveis para sua vida pessoal assim como para execução de suas funções na sociedade.

#### *2.2.1.4 Letramento científico*

Conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa em Educação (INEP), o Letramento Científico é ter:

a capacidade de empregar o conhecimento científico para identificar questões, adquirir novos conhecimentos, explicar fenômenos científicos e tirar conclusões baseadas em evidências sobre questões científicas. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que diferenciam a ciência como uma forma de conhecimento e investigação; a consciência de como a ciência e a tecnologia moldam nosso meio material, cultural e intelectual; e o interesse em engajar-se em questões científicas, como cidadão crítico capaz de compreender e tomar decisões sobre o mundo natural e as mudanças nele ocorridas. (INEP, 2016, p.1)

Sendo assim, o letramento científico refere-se a desenvolvimento de habilidades e capacidade de compreender questões de cunho científico e saber aplicá-la na mesma perspectiva para fins sociais com base nas informações fornecidas que serão analisadas para se chegar a uma conclusão de uma determinada pesquisa ou investigação, e saber utilizar conhecimento científico para resolver os afazeres do cotidiano.

#### *2.2.1.5 Letramento colonial*

É aquele processo de letramento que, conforme nos explica Brian Street, foi trazido e implementado pelos estrangeiros colonizadores sem levar em consideração ou respeitar a cultura local dos povos colonizados, na verdade excluindo e apagando a suas histórias (STREET, 2014). Um exemplo mais próximo relaciona-se aos portugueses que chegaram em África e no Brasil, invadiram os territórios povoados por indígenas, e impuseram sobre esses sua cultura e sua lógica de vida, querendo transformá-los em “cidadãos portugueses”. apagaram suas histórias com a implementação das suas políticas coloniais sem levar em consideração que aqueles povos já existiam há muito tempo antes da sua chegada.

O letramento colonial trouxe ideias e práticas distorcidas para as comunidades colonizadas, provocando o abandono destas a sua cultura e língua, por acreditarem que a cultura e a língua do colonizador são melhores e mais sofisticada porque lhes permite atingir as condições de assimilados ou cidadão impostas pelos portugueses para terem acesso a algumas regalias que são proibidas quando a pessoas é de outra cultura e fala outra língua que não seja deles.

#### 2.2.1.6 *Letramento cultural*

É aquele que busca contemplar todas as culturas porque no mundo existem culturas diferentes cada uma com a sua vivência e em algum momento elas se juntam na busca pelo mesmo propósito de vida. Nesse caso todos devem se sentir incluídos e proporcionar um ambiente favorável que terá um impacto positivo em todas as áreas de vida destas.

o conceito de cultura, em seu sentido socioantropológico, corresponde ao conjunto de tudo o que o homem e a mulher criam e transformam, seja com que intenção for. Não existe, portanto, uma única cultura, mas sim uma grande pluralidade cultural. Ela deixa de ser domínio exclusivo de um pequeno grupo social e passa a contemplar também os diferentes modos de representação de toda população (CHISTÉ,2009, p. 40)

A cultura é a identidade de um povo uma especificidade que faça com que um povo se reconheça como um grupo cultural e é o que distingue um povo dos demais. Por isso ela deve ser respeitada em todas as circunstâncias porque qualquer desrespeito ou ato de superioridade de uma cultura em relação a outra cultura causa o silenciamento e a exclusão deste. Uma das circunstâncias ou espaço social em que se dá o encontro das culturas é na escola, um meio multicultural. Como aponta FREIRE (1996, p. 19).

[...]Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “autoridade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*.

Portanto respeitar, reconhecer a qualidade do outro são importantes e é uma atitude afetivo que descrevem o cuidado com o outro.

### 2.2.1.7. *Letramento digital*

O Letramento digital é uma forma de minimizar as dificuldades que as pessoas têm com relação ao uso de novas tecnologias preparando as para se adaptarem e saberem fazer o bom uso das ferramentas digitais para o bem e para atingir seus objetivos específicos assim como os gerais da vida pessoal e em sociedade. Neste caso tudo que as pessoas fazem estão relacionadas a tecnologias que começa desde o que comem até o que vestem. Segundo Menezes, Couto, Santos apud Coscarelli:

O letramento digital envolve as habilidades do sujeito de lidar com textos digitais que normalmente fazem parte de uma rede hipertextual e exploram diversas linguagens, ou seja, são multimodais. Essa rede hipertextual é composta por um conjunto de textos não lineares, que oferecem links ou elos para outros textos, que podem ser ou conter imagens, gráficos, vídeos, animações, sons. (MENEZES, COUTO, SANTOS, 2019, p. 38 apud COSCARELLI, 2009, p. 554).

Dos tempos remotos até hoje o homem fez muitas invenções tecnológicas que foram se desenvolvendo e tornando mais sofisticadas. As tecnologias se fazem presente no dia a dia das pessoas. Atualmente com a situação que estamos vivenciados ao meio a essa pandemia que não acaba. Ela criou afastamento entre as pessoas, os alunos e professores não podem frequentar a escola e para não deixar abater ou ficarem parados as escolas e universidades optaram por recorrer a plataformas digitais meio pelo qual nos comunicamos, realizamos compras e vendas, usamos para trabalhar e muito mais. A cada dia estamos aprendendo a usar melhor as tecnologias para realizar várias atividades do cotidiano.

Elas possibilitam a interconexão entre culturas e pessoas de diferentes partes do mundo também permitem o acesso a várias informações, mas por outro lado ela também exclui porque existem pessoas que não conseguem se adaptar aos novos meios tecnológicos, os que não tem condições financeiras para pagar a internet e adquirir um equipamento, não só, tem também os que não sabem usar esses equipamentos e os que vivem no interior que não tem em suas casas ou comunidades a energia elétrica para sustentar essas tecnologias tudo isso limita as possibilidades do indivíduo como cidadão na sociedade em que está inserida.

### 2.2.1.8 *Letramento de (re)existência*

A sociedade está composta por grupos, de um lado as elites ou pessoas brancas e do outro as pessoas de classe baixa ou não brancas que tudo que vem delas desde a forma de

falar, vestir, andar, cantar etc. é estigmatizada pelo primeiro grupo porque se consideram superiores e que tudo que vem deles deve ser vista como modelo para sociedade e seguida pelo segundo grupo. Nesse caso o letramento de (Re)existência surgiu como forma de levar para sala de aula os saberes da realidade do aluno fazer essa ponte com os conteúdos dados na escola mostrando que não existe nada de errado com o outro apenas as realidades e a forma de enxergar as coisas e o mundo que são diferentes. Como nos mostra Souza,

Os letramentos, que caracterizo como de reexistência, mostram-se singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (SOUZA, 2009, p.32)

Tem a “Gramática Normativa” e as “Normas padrão e culta” elas consideram uma única forma ou jeito de falar e escrever correta ou bom usados pelos falantes de nível de escolarização alta aprendendo regras que julgam melhores criada por um ou várias pessoas que querem que todo mundo siga os seus passos, mas uma coisa é certa que a língua não é estática. Ela é um produto social, heterogenia e variável então não pode haver um único jeito de falar.

### *2.2.1.9. Letramento político*

As práticas sociais envolvem toda a diversidade – gênero, raça, crença etc. – que existe na sociedade, as quais precisam, necessariamente, ser respeitadas por todos. Para haver o respeito a essas diversidades, é necessário que conheçamos suas particularidades e desafios, buscando um convívio mais cidadão e democrático através de práticas de um “letramento político”. Nesse sentido,

o letramento político pode ser definido como aquele que se processa no contexto da política, ou seja, a habilidade de interagir politicamente, considerando que, em uma sociedade letrada como a nossa, não há atividade ou setor social que não seja atravessado pela escrita. Também dela se depreende que não há um ponto fixo a partir do qual se diga que uma pessoa é ou não politicamente letrada, antes se trata de um aprendizado permanente que se efetiva tanto em termos de crescimento e empoderamento individual quanto de participação social. (COSSON, 2010, p.16)

Não adianta falarmos que somos neutros porque qualquer que seja a escolha que fazemos, ela é uma escolha política. As roupas que escolhemos para nos identificarmos e apresentarmos na sociedade, são expressões políticas. A linguagem que escolhemos para

melhor expressar nossas ideias, é uma escolha política. Também, por exemplo, nas eleições, as pessoas votam num político ou partido escolhidos por elas e, por trás daquela escolha ou voto, existe uma intenção política. Então o letramento político acontece em todas as circunstâncias porque envolve, um posicionamento crítico, reflexivo, protagonismo e capacidade de escolha e decisão.

#### *2.2.1.10 Letramento racial crítico*

Durante muitos anos o projeto colonial português, com a sua política de assimilação baseada no mito da superioridade racial fizeram as pessoas acreditarem nela e persiste até data presente causando problemas. Então o letramento racial crítico,

Esse conceito remete à radicalização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não-brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos. (ALMEIDA, 2017, p. 1)

Por isso é necessário romper com esses pensamentos e comportamentos que foram naturalizadas e esquecer dessa superioridade dos brancos em relação aos negros porque biologicamente somos todos iguais (seres humanos). A escola é o lugar onde essa desconstrução começa e se desenvolve pois os professores são elementos fundamentais para estimular nos alunos essa capacidade ou habilidade de criticar os problemas sociais e questionar as desigualdades e discriminações que acontecem na sociedade e lutar contra todos esses males para que o mundo torne um lugar mais justo.

#### *2.2.1.11 Letramento literário*

A literatura está em tudo que fazemos, nas manifestações culturais ou artísticas sejam elas locais ou mundiais. Ela é a força que as palavras têm de nos fazer viajar para um mundo fantasia e através delas compreendemos melhor o mundo em que vivemos e a nós mesmos. Conforme SOUZA e COSSON (2011, p.103):

o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura

ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Sabe se que a literatura também foi transformada em arma de combate contra a assimilação cultural, racismo e colonialismo europeu pelos movimentos criados por líderes políticos de alguns países que lutaram para libertação dos seus países ou população negra sob dominação colonial. Por meio da literatura eles buscaram a (re)valorização dos seus modos de viver e das suas culturas rompendo com tudo que é imposto pelo colonialismo.

#### *2.2.1.12. Letramento social*

Letramento social engloba todas as práticas sociais de uma sociedade sem distinção dos que se dão dentro ou fora da escola, como aponta Soares (2009, p.74-75) que letramento social “é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais.”

Isso mostra que ele está em toda a esfera social sem exceção, mas ocorre de forma diferente em cada sociedade porque elas são diferentes e cada uma delas tem as suas especificidades e suas regras. Estas determinam as suas complexidades.

#### *2.2.1.13. Letramento linguístico*

A capacidade de desenvolver condições reflexivas e discursivas que toma por base todas as dimensões da linguagem é muito importante porque orienta com relação a sua utilidade no cotidiano. Segundo Ravid; Tolchinsky (2002 apud GERHARD, 2017, p. 3) o Letramento Linguístico é um “[...] constituinte do conhecimento linguístico da pessoa caracterizado pela disponibilidade de múltiplos recursos linguísticos e pela habilidade para acessar conscientemente o seu saber linguístico e enxergar a linguagem a partir de várias perspectivas”.

Sabe se que a língua é viva e está em constante movimento. Conforme a sociedade evolui, as pessoas mudam, a língua também varia e sofre alterações ao longo dos tempos. Por isso ter conhecimentos sobre os estudos linguísticos e saber que existem variações linguísticas nos deixam mais bem instrumentalizados, como professores de língua portuguesa, no sentido

de respeitar, valorizar e saber ensinar a língua na perspectiva das variações existentes em uma comunidade. Caso contrário, correm o risco de ensinar apenas a variedade linguística de prestígio e, quando nos depararmos com qualquer outra variedade, considerá-la “errada” e praticarmos “preconceito linguístico”.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO HUMANA

Alfabetização e Letramento juntos são processos importantes que possibilitam a inclusão de qualquer que seja o indivíduo na sociedade. Através das práticas de linguagem feitas na sociedade as pessoas evoluem, constroem e organizam saberes a partir da interação, da comunicação e a atuação sobre o meio. Se o direito a passar por esses dois processos for negado aos indivíduos, estes estão sendo impedidos de terem condições de participarem democraticamente das decisões e transformações sociais. Portanto, a alfabetização e o letramento são processos que nos dão a oportunidade de adquirir aprendizagens importantes que nos habilitam para a vida na sociedade.

De acordo com Soares (2009), o maior problema é que existem pessoas ou países que se preocupam mais com o processo de alfabetização sem levar em consideração o contexto social em que o indivíduo está inserido. Justo e Rubio (2013, p.6) acrescentam “O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.”

Os seres humanos, desde a tenra idade, crescem num meio rodeados por pessoas e estímulos sociais. Eles se comunicam entre si, pela escrita e pela oralidade, nesse meio em que a língua é um instrumento fundamental na sua relação social. No decorrer de tudo isso se dá os processos de letramento e alfabetização que vão acontecer nas suas relações interpessoais com seus colegas e professores na escola, com seus familiares, em casa, e na rua com outras pessoas. Processos que também vão contribuir para o crescimento pessoal e sua formação. Diante disso, Soares ressalta que

precisaríamos de um verbo letrar para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p. 47)

Os dois processos desempenham papéis sociais importantes na vida dos indivíduos, visto que precisará deles a vida inteira. Sabemos que cada sociedade tem a sua especificidade e, conseqüentemente, os processos de alfabetização e de letramento também se dão de forma diferente em cada uma delas.

[...]a tarefa de alfabetizar letrando significa dar subsídios aos alunos para que estejam preparados para usar vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação, havendo assim uma escolarização real e efetiva, desenvolvendo nos alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer uso, de forma mais eficiente das capacidades técnicas de leitura e de escrita. (JUSTO e RUBIO, 2013, p.5)

Para isso acontecer a escola tem que ter um professor que procura entender, conhecer e saber lidar com a especificidade dos alunos e saber fazer a ponte entre os textos com a realidade de todos os presentes na sala porque cada um/a deles/as pertencem a uma realidade e cultura diferente. O letramento e a alfabetização proporcionam um aprendizado contínuo, e o poder da linguagem que é uma arma que todos devem ter para se defender das opressões do capitalismo e forjar o futuro de todos e todas, sem distinção de cor, religião e classe: para escrever qualquer que seja texto precisa ter uma leitura aprofundada, e só assim isso se torna possível. “Assim é com qualquer saber. Precisamos de ferramentas para continuar aprendendo, e a leitura é a ferramenta por excelência para isso.” (KLEIMAN, 2005, p.52)

Sabe-se que a educação não é só uma produção e reprodução dos conteúdos, mas o que busque pesquisar novos desafios que a modernidade cria, como estes que surgiram com o aparecimento do letramento que se juntou à alfabetização. Nesta concepção os professores serão a ponte de referência na construção de saberes científicos em diálogo com outros saberes fora da escola ou academia e na formação de sujeitos críticos e reflexivos. Para isso “o professor, além de ser plenamente letrado, é claro, precisa ter conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social. Ele tem que ser um gestor de recursos e de saberes – tanto dos dele (...) como dos de seus alunos.” (KLEIMAN, 2005, p.52). Além disso é preciso também que tenha uma formação de qualidade, continuada, de profissionalização e trabalho docente.

Paulo Freire em seu livro “Pedagogia de Autonomia” (1996) apresenta orientações das práticas pedagógicas necessárias a educação para construção da autonomia do educando e debruça sobre como os alunos devem ser ensinados pelos professores a serem seres mais a desenvolver a capacidade crítica, criando assim uma ação transformadora. Com isso ele fala sobre os conceitos que acompanham essa ação com base em um olhar político. Paulo

Freire acredita que se os alunos forem ensinados mediante um diálogo político -pedagógico e uma boa relação educador – educando, há uma chance de aproximação crítica entre o conhecimento e a suas atividades fora da escola. O conteúdo do livro vai além do que o professor deve fazer ou como deve se comportar na sala de aula com os alunos, e do sistema educativo como um todo. Traz vários fatos sociais, com a intenção de estimular o leitor seja professor ou não a intervir com relação a tudo o que foi dito.

Isso serve de referência para mostrar que alfabetizar letrando não é tarefa único do professor de língua portuguesa, mas também de professores de outras áreas de conhecimento e de todos na formação humana e de um sujeito crítico e reflexivo porque a leitura e a escrita estão presentes no cotidiano das pessoas e sociedade em geral.

### 3 CAPÍTULO II: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA GUINÉ-BISSAU

Neste capítulo, trataremos especificamente da Guiné-Bissau e de como os processos de Alfabetização e Letramento se dão no seu sistema de ensino. Primeiramente, faremos uma contextualização sobre a Guiné-Bissau, o cenário multilíngue existente e seu sistema de ensino. Em seguida, explicaremos como se dá o aprendizado de línguas no processo de escolarização dos guineenses. Por fim, abordaremos sobre os processos de letramento promovidos no país.

#### 3.1 COMO AS CRIANÇAS APRENDEM AS LÍNGUAS EM GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é um dos países africanos situado na costa ocidental da África, com uma superfície total de 36.125 km<sup>2</sup> e uma população de cerca de 2,060,721 milhões de habitantes segundo Banco mundial (2021). O país possui uma diversidade cultural, étnica e linguística muito ampla, constituindo um rico cenário multilíngue. De acordo com Couto e Embaló (2010, p.28), “no pequeno território da atual Guiné-Bissau são faladas cerca de vinte (20) línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes”. Essas línguas são distribuídas de acordo com os grupos étnicos existentes e espalhados por todo o território guineense, os quais

[...] possuem culturas, tradições, costumes e hábitos diferentes, o que torna o povo da Guiné-Bissau rico socio-culturalmente, utilizando diversas línguas e práticas sociais que constituem patrimônio imaterial da humanidade. Há que realçar a normalidade de cada indivíduo fala duas ou mais idiomas. (CÁ; TIMBANE, 2021, p.2)

Por conta disso, a Guiné-Bissau é um país multicultural no qual a língua Guineense é a Língua que a maioria dos guineenses utilizam, nascem e crescem ouvindo seus pais falarem no seu dia a dia. Como afirma Cá e Timbane (2021, p.6).<sup>1</sup>

[...] O guineense é a língua franca e nacional para a maioria dos cidadãos. Essa é a língua falada pela maioria da população nos seus usos cotidianos e principalmente na capital do país. A escolha do guineense se justifica pelo fato de não pertencer a nenhum grupo étnico, ou seja, é possível afirmar que o guineense é a língua da unidade linguística, por ser a única língua que desde a luta da libertação serviu de

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, hora parece língua guineense, hora aparece crioulo. O crioulo em si é um termo amplo porque existem várias línguas crioulas faladas em outros países além da Guiné-Bissau e para especificar o crioulo falado na Guiné-Bissau foi utilizado a língua guineense ou crioulo da Guiné-Bissau.

instrumento de comunicação entre os guerrilheiros e ainda hoje permite e facilita a comunicação entre diferentes grupos étnicos do país.

A escolha do crioulo para se comunicarem foi uma estratégia sábia, porque os guineenses não iam chegar a um entendimento para a libertação da Guiné-Bissau. A língua portuguesa chegou no país trazida pelos colonizadores portugueses e imposta ao povo guineense através de uma política linguística colonial que, por estar a serviço do colonialismo, provocou também uma colonização linguística (MARIANI, 2004) na qual se pretendia invisibilizar as diversas línguas guineenses e homogeneizar a cultura local através da língua portuguesa e da cristianização da população. Como o objetivo que os guineenses tinham em comum no sentido de independência e liberdade visava a valorização do que era nacional, se cada um falasse a sua língua étnica essa unificação não seria possível. Assim, a língua guineense contribuiu para a libertação do povo guineense, buscando uma emancipação linguística independente das influências coloniais. Mas, devido a fatores históricos e políticos por parte da elite guineense, o crioulo guineense não foi valorizado até hoje, não sendo oficializado como língua do país e não sendo organizado como língua de ensino. Por consequência, e a língua portuguesa continua sendo mais prestigiada por todos no território nacional.

A língua portuguesa, segundo Couto e Embalo (2010, p.30), [...] “é conhecida por cerca de 13% da população”. A percentagem apresentada não chega nem à metade da população do país, mas é a única língua do ensino, o que implica que a língua portuguesa não faz parte das línguas faladas no dia a dia da maioria dos guineenses, que só tem contato com ela na escola.

Segundo a lei de base o sistema educativo da Guiné-Bissau está organizado da seguinte forma: **Educação pré-escolar** antecede a escolar e é destinada a preparar crianças de 3(três) anos até a idade da sua inserção no ensino básico que pertence a educação escolar.

**Ensino Básico** decorre de três ciclos que se dividem em fases, tendo uma durabilidade de 9 anos:

a) Primeiro ciclo está estruturado em duas fases:

- Fase 1: do 1º ao 2º ano: ensino com a estrutura global com um único professor por turma, que pode ser auxiliado por um professor de arte ou educação física.

- Fase 2: do 3º ao 4º ano: segue como a fase anterior

b) Segundo ciclo: 5º a 6º ano do ensino: a formação se dá pelas relações de diversas áreas do conhecimento. Há apenas um professor, que assim como no ciclo anterior pode ser auxiliado.

c) Terceiro ciclo: 7º, 8º e 9º anos: envolve diversas áreas vocacionais e cabendo a vários professores, à razão de um por disciplina. Trata-se de uma formação continuada onde o estudante sempre será avaliado no final de cada ciclo, podendo ou não avançar para o próximo a depender das habilidades que ele adquiriu e as que são exigidas em cada ciclo formativo. Além disso, ainda segundo a Base do Sistema Educativo da Guiné-Bissau, o professor que ensinou uma turma do 1º ano deve acompanhá-la até o fim do segundo ciclo e o primeiro semestre da fase 1 volta-se para a integração de crianças no ensino formal. É necessário que a criança tenha completado 6 anos até o dia 1 de outubro para matriculá-la no ciclo inicial do ensino básico. Durante esses nove anos é ensinada aos alunos somente em língua portuguesa.

Dos objetivos gerais destacam-se: desenvolvimento da leitura e escrita; educação sexual, ambiental, social, científica, musical, tecnológica, literária, artística e física. Além de abordagens humanísticas e críticas para integrar bem todos os discentes.

Concluindo o Ensino Básico os alunos prosseguem para o **Ensino Secundário** que vai de 10º, 11º e 12º ano. Ele decorre por duas vias a **geral** composta por áreas que o aluno vai seguir que dão continuidade aos estudos, diferente do ensino básico aqui vai ter vários professores cada um com uma disciplina e além da língua portuguesa é ensinada a língua Francesa e Inglesa. Via **Técnico-profissional** caso o aluno não queira prosseguir os estudos, ele pode participar de formação técnica e tecnológica com durabilidade máxima de um ano. **Ensino Superior ou universitário** para se estar ali é necessário ter diplomas e certificados que comprovam a conclusão do ensino secundário e obter notas positivas no teste de admissão. Ele compreende licenciatura, Mestrado e Doutorado. E por fim tem a **Educação especial** destinada a pessoas com deficiências, **de Adultos** destinada a pessoas que passaram a idade de frequentar ensino básico e secundário e o **Ensino a distância** realizada através de tecnologias de informação e comunicação. (Ministério da Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e dos Desportos, 2011, p. 6-17)

No sistema de ensino tem o ensino a distância que é inexistente porque a internet é muito precária não dá para sustentar esse ensino e ainda existem pessoas que não tem condições financeiras para pagar a internet e adquirir um equipamento tecnológico, não só, tem também os que não sabem usar esses equipamentos o que impossibilita a efetivação dessa

modalidade de ensino. Uma outra coisa que não é observado pessoas fazendo mestrado e doutorado no país devido a vários outros problemas que desestabiliza esse sistema como os citados a seguir:

Fraca qualificação dos professores; Escassez de manuais escolares e materiais didáticos; Inadequação dos conteúdos programáticos ao meio social e cultural dos alunos; Precariedade das instalações escolares; Pobreza dos equipamentos [escolares]; A não adoção e sistematização de metodologia de ensino do português como a língua segunda; Insuficiente e inadequada afetação de recursos financeiros ao setor da educação; Enfraquecimento da política social do governo e erosão da sua capacidade de afetar recursos adicionais ao setor da educação; [Existência] de graves distorções no recrutamento, pagamento [dos salários dos Professores] e gestão do pessoal docente; Greves prolongadas dos professores que provocam permanentes instabilidades da atividade docente; Falta de infraestruturas escolares; Acentuado índice de disparidade entre os sexos no acesso ao ensino; Fraco rendimento interno do sistema; Elevadas taxas de repetência e abandono; Baixas taxas de desempenho dos alunos” (Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia, 2000, p. 3-5 apud. LOPES, 2014, p.22).

Esses problemas persistem até hoje no setor educativo Guineense e muitos guineenses começam a frequentar a escola com a idade avançada por falta de condições financeiras, principalmente as pessoas que vivem no interior que muitas das vezes são retiradas da escola pelos pais para campanha de castanha de caju como forma de juntar algum dinheiro para continuar a sustentar os seus estudos. Também tem os que são colocados tarde na escola, na classe que não corresponde com a sua idade.

O português da Guiné-Bissau é uma variedade do português, que é diferente do português europeu e do português brasileiro. É a língua oficial, a língua do ensino, usado nos documentos oficiais e de comunicação internacional. Diante dessa realidade, as crianças são alfabetizadas e letradas numa língua que não é sua língua materna “(...)o que na verdade não só torna o processo de alfabetização distante da realidade do educando, mas também do educador, porque os dois se encontram em circunstâncias de comunicação na língua a que não pertencem e que não dominam”. (IÉ, 2018, p.29)

Por conta disso, deveria ser permitido que o professor fizesse uma ponte entre o guineense e a língua oficial, o que poderia ajudar o aluno e o professor a estarem mais próximos de suas realidades e em sintonia na sala de aula, sem dificuldades ou dúvidas com relação ao não entendimento da explicação do conteúdo em português. Em vez disso, o que se vê nas práticas escolares é o oposto: há a proibição do uso do guineense (inclusive com punições aplicadas a quem utilizar esta língua), e uma ideia equivocada de que o português é uma língua mais preparada ou desenvolvida, estando mais adequada ao ensino que o guineense.

Sabe se que a sala de aula é um meio que engloba pessoas de culturas, etnias e línguas diferentes, e essas pessoas são obrigadas a aprender e entender o que está sendo explicado em uma única língua, a qual, no caso da Guiné-Bissau, é uma língua desconhecida e não falada por uma grande gama da população Guineense, o que torna o processo de ensino e aprendizagem muito complexa para eles. Sendo assim, “[...] a maioria dos alunos se defronta com o fato de não perceber o que o professor diz e não ser capaz de se expressar livremente, além de a língua segunda trazer informações culturais diferentes das do seu meio”. (MENEZES, 2011, p. 3). Por essas e outras razões, na sala de aula em Guiné-Bissau, muitos professores, quando notam que os alunos estão tendo dificuldades em entender a explicação do conteúdo em português, optam por repetir a mesma explicação em crioulo, para que eles consigam entender e compreender melhor a explicação do conteúdo. Porém, como Cá e Timbane nos alertam, “Os documentos do Ministério da Educação Nacional (MEN) não orientam que os professores façam traduções nas aulas. É proibido falar uma língua diferente do português nas escolas. É obrigatório o uso do português no recinto escolar e em especial na sala de aula (...)”. (CÁ e TIMBANE, 2021, p.6).

Sendo assim, eu, uma guineense que nasceu em Bissau e estudou também em Bissau capital da Guiné-Bissau com a proibição de falar outras línguas além do português na sala de aula e no recinto escolar, nas escolas por onde passei me senti obrigada a utilizar o português e a silenciar o guineense, que era a língua que eu mais utilizava socialmente. Assim acontece com os demais estudantes guineenses que se comunicam em guineense. Sempre senti muitas dificuldades em aprender o português e em entender por que não era possível utilizar a língua guineense para estudar, já que eu apenas compreendia os conteúdos escolares quando me explicavam nessa língua. Então, como ela não era adequada para o ensino?

Segundo Paulo Freire (1987) a educação como prática de liberdade é uma educação que tem como objetivo educar um indivíduo para liberdade em todos os sentidos e respeito ao ser humano. Mostra a importância do diálogo na educação em que precisa existir uma relação verdadeira entre o professor e o aluno com vista a buscar a educação transformadora da sociedade e que através do diálogo que o professor consegue pensar e trazer para aula um conteúdo que questiona a realidade social ou a vivência do aluno. A alfabetização é uma prática transformadora, mas uma vez que as políticas de ensino na Guiné-Bissau colocaram a língua portuguesa como a única língua do ensino esse processo tornou-se hostil para o povo assim como para a sociedade guineense. Mesmo frente a todas as dificuldades no processo de alfabetização e letramento, os quais apresentam baixos resultados escolares, o Estado da

Guiné-Bissau decidiu não colocar o guineense – ou algumas das outras línguas faladas no país – como línguas oficiais, ou línguas ensino, o que mostra que não dão importância a essas línguas, à cultura de seus povos e ao desenvolvimento humano do país.

Na Guiné-Bissau é verificada a situação de “bilinguismo acompanhado de diglossia” coexistentes na convivência das línguas étnicas com o guineense e o português. Além disso, é preciso levar em conta o contato existente entre essas línguas o que causam interferência na língua alvo L2.

O bilinguismo, situação muito comum no mundo de hoje, corresponde ao conhecimento e uso de duas ou mais línguas por um indivíduo ou por uma comunidade. (...)relação entre uma língua dominante ou majoritária e outra dominada ou minoritária, a que correspondem usos complementares, é denominada diglossia, pela Sociolinguística. (LOPES, 2011, p. 21-36).

No caso da Guiné-Bissau, as pessoas aprendem e falam as línguas étnicas e o guineense no seio familiar e tem a relação do português e o guineense que são usadas em situações diferentes. O guineense é a língua materna falada pela maior parte da população para se comunicar e na realização das suas atividades cotidianamente. O português é a língua oficial do país da educação, dos documentos e de comunicação internacional adquirida no meio escolar falada por uma pequena parcela da população. Ela é muito prestigiada por ser relacionada a ascensão social, sinônimo de inteligência e por possuir dicionário, gramática e muito mais. As pessoas que vivem no interior do país e tem a língua étnica como materna ou L1 ao irem para a cidade, têm que falar o guineense e a língua étnica acaba interferindo nessa língua. Por outro lado, as pessoas que vivem na cidade dominam mais o guineense, muitas vezes tendo esta língua como língua materna, o que, por sua vez, interfere no uso do português. Todas essas questões relatadas reforçam a ideia de que o português usado pelos guineenses, ainda que por uma pequena parte da população, em muito se diferencia da variante europeia dessa língua.

Além disso, lembrando o que foi dito antes, na Guiné-Bissau, assim como em outros países da África invadidos pelos portugueses, a língua portuguesa não foi usada pelos colonizadores com uma boa intenção. Como nos mostra Namone e Timbane (2017, p.46)

[...]os colonizadores portugueses usaram a sua língua como instrumento de dominação, nesse território, através da chamada “política de assimilação”, que era feita através de seleção de uma pequena parcela da população local, isto é, de africanos que tinham contatos mais próximos com colonizadores. A esses assimilados eram dadas instruções básicas, como ler, escrever falar corretamente a LP, com o objetivo de usá-los como intermediários dos colonizadores para com as

populações locais os chamados “indígenas” visando fortalecer e dar continuidade à dominação colonial[...].

Como podemos observar, essa política de assimilação implementada pelos colonizadores portugueses não contemplava toda a população guineense, porque era restrita a alguns privilegiados e só contemplava uma pequena parte da população. A maior parte dos guineenses ficou de fora dos ensinamentos ofertados para aprender ler e escrever (em língua portuguesa), gerando uma percentagem muito grande de analfabetismo no país, além de ter contribuído para que a língua portuguesa não se espalhasse por todo o país. No período pós independência na tentativa de acabar com o analfabetismo e disponibilizar escola e uma educação de qualidade para todos, o governo no momento “[...]deparou-se com inúmeras dificuldades para sua consolidação, tais como: falta de material para formação, falta de escolas, carência de docente e a falta de financiamento[...].” (PINTO; ALMEIDA 2018, p.9).

Sob muita pressão, o governo não tinha uma alternativa senão adotar o sistema de ensino e materiais deixados pelos portugueses. Isso vem persistindo até hoje nas escolas, onde são utilizados materiais antigos para ensinar, dentro de uma perspectiva de ensino conservadora, mecânica e que não estimula o aluno a pensar criticamente. Conforme nos explica Pinto (2018),

[...] as atividades de leitura estimulam o aluno a decorar, pois não há no livro nenhuma atividade que trabalha a compreensão da leitura, conforme proposta pelos teóricos. [...] os professores costumam colocar leitura na lousa, e pedir para o aluno ir até lá para ler, a maioria dos estudantes decoravam as palavras, sem conhecer as letras, e liam cantando. (PINTO; ALMEIDA, 2018, p. 19)

Essa forma de ensino vai contra o desenvolvimento do processo de letramento. Pois permitir a participação do aluno é uma chance para ele desenvolver e construir conhecimento, ao invés de ser um depósito dos mesmos conteúdos e em uma sala de aula o educador não deve ser detentor de todo o conhecimento e o aluno um depósito, tem que provocar o aluno despertar indagações que os induzem a procura de novos conhecimentos e aprender criticamente. (FREIRE 1996).

### 3.2 PROCESSOS DE LETRAMENTOS NA GUINÉ-BISSAU

Sabe-se que a Guiné-Bissau é um país multicultural e multilíngue, mas que tem o português a língua oficial como uma única língua do ensino enquanto uma grande gama de população fala as suas línguas maternas o crioulo guineense ou as línguas étnicas que lá

existem, antes de começarem a frequentar a educação escolar ou formal. Com isso o processo de letramento acontece de uma forma descontextualizada da realidade cultural e linguística desses sujeitos devido à ausência de um currículo escolar apropriado voltada para realidade Guineense e de um planejamento e políticas linguísticas o que tem como consequência a não implementação da língua materna destes no ensino e não tomando como ponto de partida a sua vivência. Como aponta Soares:

o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas Sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas [...] que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (SOARES,2009, p.74,75)

Com isso percebe – se que o letramento é um fenômeno complexo e amplo que envolve uma parte significativa das atividades que realizamos no nosso cotidiano sendo elas individuais, sociais e em comunidade nas nossas línguas maternas. Por isso as pessoas antes de frequentarem a escola aprendem muita coisa com os familiares, conseguem resolver problemas e realizar as atividades básicas do dia a dia que Segundo Soares (2009, p.24) nos diz “Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento)”. pois se apropria da leitura e da escrita acompanhando as suas manifestações que possibilita a socialização, Ainda Soares (2009) que a pessoa pode ser alfabetizada e letrada ao mesmo tempo ou alfabetizada e não letrada ou analfabeta e letrada.

Com base nisso podemos afirmar que existe letramento em Guiné-Bissau como em qualquer outro país e sabemos que ela varia de país para país de acordo com as suas realidades, necessidades, exigências sociais, incentivo e as condições para letramento disponibilizada por cada um. Na Guiné -Bissau o letramento é muito fraco devido à falta e a precariedade das condições para letramento no país, falta de incentivo e os professores não recebem uma formação que os prepare para tal. E o fenômeno não é conhecido lá como letramento e sim como educação de casa.

[...] O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. [...] contentam-se em ensinar a ler e escrever, deveriam, em seguida, criar condições para que os

alfabetizados passassem a ficar imersos em um ambiente de letramento, para que pudessem entrar no mundo letrado, [...]. (SOARES,2009, p.58-59)

Essa é uma de várias situações ou problemas graves que o sistema de ensino guineense apresenta, persistem até hoje e prejudicam o processo de letramento dos alunos, enquanto isso acontecer os alunos vão sair sempre mal preparados para sua inserção nas universidades nacionais e se for estudar no estrangeiro pior ainda. Dito isso a partir das experiências vivenciadas, o quão não bem-preparados os alunos saem das escolas na Guiné-Bissau.

Aos 5 anos de idade os meus pais me colocaram em uma escola informal e é nesta escola que fui alfabetizada. Ela ficava situada no bairro de Luanda onde morávamos e não era muito longe da nossa casa. Esta escola é conhecida em Guiné-Bissau de “escola de banco” que acontecia em um sítio aberto debaixo das arvores ou mangueiras sem carteiras, os alunos é que levavam as cadeiras para se sentarem e na hora de escrever colocávamos caderno nas pernas, tínhamos um professor para várias turmas só ele tinha matérias para ensinar e os alunos só caderno, caneta/lápis. As turmas para não se juntarem, eram separadas por um risco no chão e a escola tinha de 1ª até 5ª classe. Foi ali que aprendi a ler e a escrever.

Os alunos escreviam e liam em português, mas os conteúdos eram explicados em crioulo, a língua portuguesa e o crioulo guineense andavam lado a lado e estava tudo certo. Estudei lá até 4ª classe, mas não concluí porque o meu pai decidiu me matricular numa escola privada e eu tive que deixar a escola particular para privada na altura já tinha 9 anos. O meu pai queria que eu começasse na 1ª classe na escola privada só que a idade para entrar no ensino básico é 7 e com 9 não podia estar na 1ª classe. Ele conversou com o diretor da escola e eles decidiram me colocar na 3ª classe dali para frente é só ladeira abaixo porque tentava compreender o novo e tudo era em português e estava com dificuldades em aprender, tirava notas baixas nas atividades e avaliações por não entender nada do que estava sendo explicado, antes de terminar o 1º trimestre o diretor chamou meu pai, conversaram e decidiram me colocar na 2ª classe. Nessa classe esforcei e comecei a entender um pouco das coisas, mas com uma certa dificuldade e eu decorava e memorizava as leituras e atividade para mostrar ao professor.

---

<sup>2</sup> Em alguns países como no Brasil as escolas particular e privada são sinônimas, mas em Guiné-Bissau a escola particular é aquela que não segue formalidades e é criada por uma pessoa enquanto a escola privada é aquela que não tem vínculo com o estado e é criada por um coletivo de pessoas. “As escolas privadas, como o próprio nome indica, são escolas construídas e dirigidas por entidades privadas, onde as atividades letivas são asseguradas pelos professores do ensino público. Nesse tipo de estabelecimento educativo a maioria da oferta educativa é assegurada pelas igrejas, sobretudo igrejas católicas.” (LOPES, 2011, p.28,29)

No ensino secundário foi a mesma coisa dificuldades e ainda me deparei com as línguas estrangeiras inglês e francês. Continuei na mesma decorava e memorizava as respostas para as atividades e avaliações porque se o aluno colocar resposta diferente do que está no material didático apanhava zero naquela resposta então não tinha jeito era isso ou reprovava. No ensino médio segui com a mesma dificuldade, mas era diferente porque os professores deixavam os alunos responderem as questões de acordo com o entendimento deles sobre o conteúdo dado ou texto lido. Não copiar e colar, mas como me acostumei com copiar e colar ou decorar e memorizar dificultou muito as coisas. Tinha dificuldade em fazer redação e responder as perguntas com as minhas próprias palavras. Fui aprendendo a dar respostas de acordo com que entendi sobre um determinado assunto.

Antes de vir para Brasil entrei na universidade, lá tinha professores que explicava bem tinha outros que não, alguns deixavam os estudantes responderem ou fazerem as atividades de acordo com que entenderam enquanto outros queriam que o estudante colocasse as coisas tal e igual aquilo que está no texto, os materiais eram escassos. A realidade escolar da Guiné-Bissau é muito distante da vivência, da realidade cultural e linguística dos alunos. Por isso ocorre uma série de dificuldades que impossibilita o aluno de fazer a ponte do que está aprendendo na escola com o que vivenciou antes e consequentemente não gera bons resultados.

[...] A escolarização ali não significa em todos os casos uma educação escolar com processos de ensino/aprendizagem e perpetuação do conhecimento científico universal. A distância da língua oficial e escolar dos educandos se coloca como grande barreira para o desenvolvimento da educação. [...] A ausência de sua língua e cultura no contexto educacional é uma barreira para que ocorram os processos de ensino e aprendizagem os quais a educação escolar se propõe. A cobrança da compreensão dos conteúdos escolares ocorre como se houvesse motivações referências, significados e sentidos nas interações pessoais entre professores e educando e nas interações de ensino aprendizagem. Outros processos de significação ocorrem neste sujeito na tentativa de compreender a nova realidade vivida enquanto dele ainda é cobrada a aprendizagem do conteúdo e da língua. (BACHMANN, 2014, p.31-34)

Uma grande parte da população guineense sabe ler e escrever na língua portuguesa, mas não realizam atividades que usa a leitura e a escrita porque elas ocorrem em uma língua diferente daquela falada no seu cotidiano. A aprendizagem é favorável e dá bons resultados quando o que está sendo ensinado se relaciona com os conhecimentos que o estudante adquiriu no seio familiar, sua história de vida e práticas sociais.

## 4 CAPÍTULO III: METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DE DADOS

Neste capítulo apresentaremos os caminhos percorridos para realização da nossa pesquisa e para obtenção e coleta de dados necessários para termos base para as análises realizadas. Para começar, explicaremos o tipo de pesquisa que utilizamos no nosso trabalho, classificando-a com base nas várias formas existentes. Em seguida, explicaremos o questionário aplicado e o tipo de perguntas utilizadas para a coleta, além de apresentarmos o porquê da escolha. Depois explicaremos o que pretendemos entender com cada pergunta feita para as pessoas e quem são as pessoas que responderam as respectivas questões, apontando o seu quantitativo, o gênero e a idade. Para concluir, traremos as respostas dos questionários organizadas e as análises realizadas.

### 4.1 A PESQUISA

Conforme Prodanov e Freitas (2013, p.49) “A pesquisa científica visa conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica.” Para Gil (2002, p.17), a pesquisa é um “Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Isso mostra o quão importante é uma pesquisa no que concerne em ajudar o pesquisador a encontrar soluções para o problema em causa. Ela ainda contribui para a compreensão do mundo em que vivemos e na melhoria da sociedade porque ela ajuda a responder as indagações que abalam a sociedade.

A metodologia que conduziu este trabalho é de caráter qualitativa porque os dados coletados não compreendiam números ou estatísticas para servirem de base no momento de análise de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto ao procedimento técnico, a pesquisa a ser realizada neste trabalho é a bibliográfica, tendo em vista que foram realizados levantamentos bibliográficos como base nos trabalhos já publicados dos autores que debruçam sobre a referida temática e foi fundamental para o prosseguimento do trabalho. Qualquer que seja pesquisa a ser desenvolvida inclui o estudo bibliográfico, pois é impossível desenvolver uma pesquisa sem uma leitura prévia e sem um embasamento teórico para explicar e fundamentar as ideias ou raciocínio sobre o problema em questão (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Ainda no presente trabalho escolhemos, quanto ao procedimento técnico, o “estudo de caso”, porque nos possibilita fazer a interpretação de um contexto específico, estudando uma realidade de uma maneira geral e aprofundada. Para além disso, permite “[...] fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando interferências. [...]” (SEVERINO,2007, p. 121). É a “pesquisa participante” porque sou membro do grupo que estamos estudando, compartilhamos mesmas vivências e participo das mesmas atividades normais do dia a dia, ou seja, ela acontece a partir da relação ou partilha entre quem pesquisa e as pessoas da realidade que pretende pesquisar. (PRODANOV; FREITAS,2013; GIL,2002; LAKATOS; MARCONI, 2003; SEVERINO, 2007).

Quanto à natureza utilizamos a Pesquisa aplicada, porque foi usada o conhecimento prévio para coletar, selecionar e processar informações novas que possibilitarão a comprovação de resultados. Quanto ao objetivo é uma pesquisa exploratória que “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” [...]. ela ajuda no preenchimento das lacunas que aparecem ao longo da pesquisa. (GIL, 2002, p.41).

## 4.2 O QUESTIONÁRIO

Tendo em conta a importância e a contribuição que o nosso trabalho pode dar para a melhoria dos processos de alfabetização e letramento na Guiné Bissau, optamos por utilizar o questionário como instrumento de coleta de dados. Importante destacar também que boa parte dessa investigação foi realizada no período da pandemia de COVID-19, o que dificultou as aproximações físicas. O questionário, enviado eletronicamente, auxiliou consideravelmente nessa coleta de informações.

Segundo Severino (2007, p. 125) o questionário é um “conjunto de questões, sistematicamente articulados, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos investigados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.” Marconi e Lakatos (2003, p.201) conceituam o questionário como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” Com base nas orientações dadas pelos autores, preparamos uma lista de perguntas, discutimos as mais adequadas aos objetivos de pesquisa e elaboramos um questionário sistematizando nossas necessidades de informações para as análises propostas.

O motivo da escolha deste instrumento de coleta de dados se dá pelo fato de que não é preciso viajar para entregar ou recolher as respostas, economiza o tempo, obter respostas rápidas e inteligíveis, permite o alcance de muitos respondentes, ter pouca probabilidade de distorção e dá relevância a liberdade da resposta em razão de confidencialidade. Os questionários foram enviados muito cedo pelo WhatsApp. O uso desse aplicativo ajudou muito no envio rápido do questionário, não teve deslocamento e não teve custos. Os inquiridos tiveram quase um mês para responder e devolver o questionário pelo WhatsApp.

Quanto ao tipo de perguntas utilizadas nos questionários foi escolhido a do tipo “aberta”, porque ela não limita e nem pressiona o respondente, mas sim ela permite que ele se sinta à vontade para organizar as suas respostas. Elaboramos um questionário formado por cinco (5) perguntas feitas em língua portuguesa e também foram respondidas em língua portuguesa. Todas elas, e suas respectivas respostas, são importantes para os fins deste estudo. No que concerne à primeira pergunta, a pesquisa pretendia entender com que idade as pessoas aprendem a ler e a escrever na Guiné-Bissau e se isso acontece antes ou quando já começaram a frequentar a escola que é o lugar onde as pessoas são alfabetizadas. Nessa pergunta não era necessária uma resposta dissertativa e os inquiridos tinham que ser diretos em suas respostas.

Com relação a segunda pergunta, a pesquisa pretendia saber dos inquiridos como eles aprenderam a ler e a escrever e se foi em casa com a ajuda e apoio dos familiares em casa antes de começarem a frequentar a escola ou se foi na escola e com ajuda e apoio dos pais em casa para que aprendizagem seja eficiente. E ainda procurou saber os métodos que eram utilizados na escola, assim como em casa para esse processo de aprendizagem porque sabe-se que existem vários métodos e depende de como elas vão ser utilizados para que dê um bom resultado. Sendo assim, essa pergunta exigia um pouco de relato por parte do respondente.

A pesquisa buscou ainda entender com a terceira pergunta se os inquiridos aprenderam alguma palavra no seio familiar antes de começarem a frequentar a escola, lembrando que o processo de letramento não ocorre só na escola. Ela também ocorre fora dela. O que indica que um indivíduo pode ser letrado e não alfabetizado. Principalmente a educação africana é baseada nas crenças e valores culturais que orienta a forma de ensino e aprendizagem, a noção da educação não se baseia apenas no olhar científico, ela é também conjunto de ritos e manifestações populares que são construídos pelas comunidades. Esta questão também exigia um pouco de relato por parte do inquirido.

Na quarta pergunta procurou entender se os inquiridos entravam na escola vazios sem nenhum conhecimento, mas essa questão afirmou que as pessoas já chegam a escola com

o conhecimento adquirido em suas comunidades e aproveitam esse conhecimento para compreenderem o que está sendo ensinado na escola fazendo a relação de um com o outro. Mas em Guiné-Bissau não acontece assim, então não adianta fazer relação entre elas.

Por último a quinta pergunta, a pesquisa pretendia saber as dificuldades que os inquiridos tiveram ao longo do processo de aprendizagem de ler e escrever. Várias são as causas citadas que dificultam esse processo, como os problemas que assolam o sistema de ensino guineense e a língua portuguesa. porque o que as pessoas aprendem em suas comunidades ou no seio familiar e diferente do que é ensinado na escola não bate com aquela realidade.

#### 4.3 OS SUJEITOS DE PESQUISA

Inicialmente pretendíamos elaborar dois questionários que seriam enviados para a Guiné-Bissau, em que um teria dez (10) perguntas e seria dirigido para professores/as e o outro, também com dez (10) perguntas, seria direcionado para os estudantes guineenses. Mas, devido à falta de parcerias na Guiné-Bissau e à indisponibilidade das pessoas em ajudar com o processo, não conseguimos realizar isso.

A partir daí, decidimos elaborar um questionário menor, com cinco (5) questões em língua portuguesa e respondidas na mesma língua, que foi dirigido para 15 estudantes Guineenses que estudam em diversos cursos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus dos Malês, sendo onze (11) pessoas do gênero masculino e quatro (4) de gênero feminino. Essas pessoas pertencem à faixa etária de 20 a 35 anos. Dos respondentes duas (2) são de curso de Pedagogia, quatro (4) curso de BIH e nove (9) de curso de Letras – Língua Portuguesa. Destacamos que esse questionário foi enviado muito cedo para várias pessoas, com a intenção de recolhermos, pelo menos, 20 respostas. No entanto, só conseguimos 15 respostas por conta das demandas de vida de cada pessoa, bem como por conta do tempo e do interesse de cada um em ajudar. Alguns não devolveram e, apesar de terem sido cobrados algumas vezes, não nos retornaram.

## 4.4 AS RESPOSTAS E AS ANÁLISES

Quadro 1

PERGUNTA 1 - Com quantos anos você aprendeu a ler e escrever?	
Participante 1	Aprendi a ler e escrever aos 11 (onze) anos.
Participante 2	Aprendi a ler e a escrever com quatro anos de idade.
Participante 3	Com 7
Participante 4	Prendi ler e escrever aos oito (8) anos de idade na escola corânica e na educação escolar ou como dizemos em Guiné-Bissau escolar de português com 9 anos de idade.
Participante 5	Aprendi a ler e escrever aos meus setes (7) anos de idade.
Participante 6	Eu aprendi a ler e escrever textos simples quando tinha 7 e 8 anos de idade.
Participante 7	Comecei aprender ler e escrever a partir de momento que comecei a frequentar jardim Donata em São Domingos, desde então comecei a ter minha primeira experiência com a escrita, porque a nossa educadora sempre nos dava os livros para cobrir os tracejados e não só, também nós fazíamos desenhos, pinturas inclusive recitação de poesia. Nessa época tinha mais ou menos 7 anos de idade.
Participante 8	Aprendi ler e escrever com cinco anos.
Participante 9	aprendi a ler e escrever com 7 (sete) anos de idade.
Participante 10	Eu aprendi a ler e escrever quando tinha 7 anos de idade.
Participante 11	8 anos
Participante 12	Eu aprendi ler e escrever quando eu tinha 12 anos de idade
Participante 13	aprendi a ler e a escrever com 9 anos.
Participante 14	eu aprendi a ler e escrever com 11 anos de idade.
Participante 15	Aprendi ler e escrever com cinco anos de idade.

Fonte: dados de pesquisa

Na primeira pergunta foi pedido que os entrevistados respondessem com que idade aprenderam a ler e a escrever e, a esse respeito, a maioria respondeu que aprendeu a ler e a escrever com idade entre 7 e 9 anos. Apenas alguns saem dessa faixa etária. Com base nisso, é importante lembrar que no sistema educativo Guineense a idade estipulada para entrada da

criança no ensino pré-escolar é 3 anos de idade e, no ensino básico, entre 7 e 15 anos de idade, período em que se dá o início da alfabetização. Portanto, os entrevistados provavelmente aprenderam a ler e a escrever quando começaram a frequentar a escola, o que implica que são alfabetizados e, possivelmente, letrados pois, segundo Kleiman (2005),

Alfabetização (...) tem características específicas, diferentes das do letramento, mas é parte integrante dele. Como prática escolar, ela é essencial: Todos – crianças, jovens ou adultos – precisam ser alfabetizados para poderem participar, de forma autônoma, das muitas práticas de letramento e de diferentes instituições” (KLEIMAN, 2005, p.16)

A alfabetização e o letramento são processos importantes para construção do conhecimento do indivíduo, mas são diferentes, apesar de andarem juntos. Isso não significa que todos somos alfabetizados e letrados ao mesmo tempo, o que significa dizer que uma pessoa alfabetizada não é necessariamente uma pessoa letrada. Tudo depende de como se deu o ensino e aprendizagem na fase de alfabetização e a quais estímulos cada um é submetido e incentivado a participar.

#### Quadro 2

<b>PERGUNTA 2 - Conte como você aprendeu a ler e escrever, ou seja, o processo de aprendizagem, os métodos utilizados etc.?</b>	
Participante 1	Aprendi a ler e escrever <b>com o meu tio, professor</b> . Depois de eu ter aprendido o alfabeto português <b>na escola</b> , o meu tio, em casa, formava as <b>famílias silábicas</b> dos consoantes em conjugação com as vogais, por exemplo, a família silábica da letra M // ma, me, mi, mo, mu = mama. Eu me lembro de termos iniciado esse processo com os consoantes plosivas e bilabiais (p e b). Portanto, foi desta forma que comecei a soletrar e formar palavras dissilábicas como papa, mama, baba, até as mais complexas.
Participante 2	Aprendi a ler da seguinte forma, <b>minha professora</b> escrevia a letra de uma música infantil no quadro, <b>lia e cantava cada palavra apontando para ela</b> com uma vara, em seguida eu e os/as meus/minhas de colegas de turma <b>repetíamos a mesma palavra assim sucessivamente</b> . Com relação a escrita, aprendi a escrever cobrindo as letras que a professora e o meu pai escreviam de uma

	maneira leve nos meus cadernos (de jardim infantil e de casa).
Participante 3	primeiro eu tive que passar pelo processo de conhecer as letras. Depois aprendi a ler através do método de <b>soletração e repetição</b> das leituras feitas <b>pelo professor</b> . E quanto a escrita, aprendi por meio de <b>cópias</b> e <b>ortografia</b> .
Participante 4	<p>Inicialmente <b>meu processo de ensino-aprendizagem não decorreu nas escolas consideradas como formais</b>, ou seja, não no ensino da língua português. Dessa forma, <b>a primeira escola que frequentei foi a escola tradicional islâmica</b> nele a aprendizagem acontecia em volta de uma <b>fogueira</b> durante a noite e no período diurno fazemos revisão das lições e processo de aprendizagem da escrita por meio uma <b>tábua de madeira</b> onde aprendemos escrever os versículos de alcorão.</p> <p>Quanto ao meu processo de aprendizagem <b>na educação escolar</b> especificamente da língua portuguesa aprendi ler e escrever na base da <b>metodologia muito tradicional</b>, igual o que Paulo Freire chama da “educação bancária” neste processo o professor é detentor de todo conhecimento, os estudantes são passivos e simples ouvintes sem direito a fala ou opinar aceto a solicitação do professor para responder uma pergunta direta sem posicionar ou dar seu parecer no que está sendo discutido. Portanto neste processo os estudantes eram obrigados a <b>decorar</b> ou reproduzir a fala do professor, ausência de uma aprendizagem reflexivo.</p>
Participante 5	Na verdade, <b>a minha professora</b> utilizava os livros disponibilizado pelo ministério da educação, os livros contêm alguns exercícios, <b>copiávamos</b> tais exercícios a fim de desenvolver as nossas habilidades na escrita e manejar a caneta de forma mais tranquila, fazíamos exercícios <b>na escola</b> e no final da aula a professora dava exercícios para fazer em casa, o famoso TPC (trabalho para casa). Relativamente à leitura, aprendi a ler com as mesmas ferramentas disponibilizados pelo ministério da educação, esses livros contêm mesmo instrumentos de como ensinar e estimular a leitura para as crianças.

Participante 6	<p>Apreendi a ler observando e ouvindo <b>o professor a ler e nós alunos a reproduzirmo-nos a sua fala em voz alta</b>. Conseguíamos saber que algumas palavras são pronunciadas de tal forma, porque professor colocava a vara acima de cada palavra lida, para que possamos conhecer essas palavras e suas pronúncia. Em relação a escrita, eu aprendi a escrever <b>na escola</b> e <b>em casa</b>, porque o professor nos ensinava a fazer algumas riscas que assemelhavam as várias letras, também faço as riscas <b>com auxílio da minha mãe e meus irmãos</b>. Sendo assim, quando o professor percebeu que já aprendi a fazer as riscas perfeitas começou a redigir a letras alfabéticas com o lápis para eu cobrir com a caneta azul e mais tarde comecei a fazer cópia literal de letras e palavras redigidas por professor como trabalho de casa.</p>
Participante 7	<p>A minha experiência de aprendizagem de ler e escrever começou <b>no jardim</b>, entretanto, foi aprimorado mais tarde <b>no ensino primário na escola</b> sem internato em que o professor escrevia no quadro e pedia nos para <b>copiar</b> tal e qual como está escrito no quadro caso um aluno cometer erros na escrita <b>levava surra</b> como forma de corrigi-lo para próxima vez tomar cuidado para não cometer os erros, porém isso se verificava mais quando o professor nos submetia <b>o ditado</b>. <b>Palmatoriava</b> o indivíduo conforme os erros que apanhava e os que não apanhavam nenhum de ortografia não tomavam palmatória o mais caricato eles acham que eram melhores dos que não conseguiram.</p>
Participante 8	<p>Apreendi todo com <b>o meu pai antes de frequentar a escola</b>, ou seja, não frequentei a creche, o meu pai sempre tinha um quadro preto em casa que ele nos ensinava.</p>
Participante 9	<p>O meu processo de leitura e escrita aconteceu de seguinte forma: <b>quando comecei ir à escola</b> o professor escrevia no quadro e ele lia e nós os alunos <b>repetíamos</b> o que ele estava lendo, depois nos mandava escrever tudo que tínhamos lido no momento ao terminarmos, ele nos mandava um por um no quadro para ler aquilo que está escrita para os colegas <b>repetirem</b>. Após isso, ele nos</p>

	mandava a ler em casa uma página do livro no livro da leitura para que no dia seguinte cada uma lesse sozinha no quadro, sendo assim <b>meu pai, meu irmão, e minha cunhada</b> me ensinavam a aprender a ler em casa.
Participante 10	Eu aprendi a ler e escrever de uma forma inesquecível em que tive um <b>professor</b> que me ajudou bastante, então eu ia ao quadro lendo alfabetos, também o professor fazia exercícios conosco em sala de aula, associando o significante que é uma imagem dum objeto ou árvore e com significado, pedindo a turma que procurasse a palavra correspondente ao desenho o qual se encontra no quadro ou no livro. Após a aula, tínhamos outras tarefas em casa, então isso era todos os dias. Com essa leitura e atividades para fazer em casa me ajudaram muito nessa aprendizagem. Assim como, as <b>músicas da alfabetização que cantávamos na sala</b> . Portanto, aprendi a ler e escrever tão rápido com esse método.
Participante 11	Apreendi <b>na escola com professor do primária</b> , materiais didáticos (letras, quadradinhos), <b>soletração e caligrafia</b> .
Participante 12	aprendi ler e escrever bem, <b>quando estava a estudar quarto ano</b> , de seguinte forma, a nossa professora gostava de nos fazer sempre a <b>ortografia</b> , onde ela se escolhe um tema que estava no livro da leitura que tínhamos, fazia-nos desafios da leitura com os colegas, quem não sabia ler tinha que ser <b>castigado</b> isso me fazia esforçar muito, de lá comecei a <b>memorizar</b> as palavras como que se escreve e ler. Treinava sempre em casa faze <b>leituras e cópias</b> .
Participante 13	Aprendi a ler e a escrever com ajuda do <b>meu professor</b> e foi através de <b>memorização</b> de palavras
Participante 14	aprendi a ler e escrever através <b>de soletração na escola</b> com o meu professor e <b>em casa com a minha irmã mais velha</b> que me ajudava a soletrar palavras difíceis.
Participante 15	Aprendi ler e escrever <b>em casa</b> , com o <b>meu vizinho</b> , que era um professor no ensino básico e dava explicação para os meus irmãos mais velhos em casa, e aí com eles acabo aprendendo sem chegar idade para entrar na primeira classe na escola formal, que era

	exigido 7anos d idade. Tínhamos um quadro na parede na esquina da casa e ali que os meus manos exercitavam.
--	---

Fonte: dados da pesquisa

A respeito da segunda questão, os entrevistados, em sua maioria, responderam que aprenderam a ler e a escrever através dos métodos de soletração, repetição, memorização, silábica, decoração, ortografia e cópia realizados formalmente na escola. Apenas alguns não falaram dos métodos de aprendizado. Ainda que a maioria tenha relatado que aprendeu a ler e escrever na escola, importante notar que tiveram ajuda dos familiares em casa para fortalecer essa aprendizagem e alguns poucos aprenderam a ler e a escrever em casa, com a ajuda dos familiares, antes de começarem a frequentar a escola.

Assim como os meus entrevistados, eu aprendi a ler e a escrever na educação informal pelos mesmos métodos e na educação formal também. Tudo isso explica o porquê de muitas dificuldades por parte dos estudantes Guineenses quando chegam para estudar no Brasil, pois não tiveram uma base educacional de qualidade e solida suficiente que lhes auxilia para estimular desde cedo as suas habilidades.

Como explica Ciríaco (2020)

Um dos mais antigos sistemas de alfabetização, o método alfabético, também conhecido como soletração, tem como princípio que a leitura parte da decoração oral das letras do alfabeto e depois todas as suas combinações silábicas e, em seguida, as palavras. A partir daí, a criança começa a ler sentenças curtas e vai evoluindo até conhecer histórias. [...] O método alfabético permite a utilização de cartilhas. [...] Algumas crianças entendem o sistema logo que aprendem algumas poucas famílias silábicas, enquanto outras chegam ao z, de zabumba, sem compreendê-lo. Para se acomodar a essa teoria, o processo é caracterizado por um investimento na cópia, na escrita sob ditado, na memorização pura e simples, na utilização da memória de curto prazo para reconhecimento das famílias silábicas quando o professor toma a leitura. Essa forma de trabalhar está relacionada à crença de que, primeiro, os alunos têm de aprender a ler e escrever dentro do sistema alfabético, fazendo uma leitura mecânica, para só depois adquirir uma leitura compreensiva. (CIRÍACO, 2020, p. 2-5)

Com base na explicação da autora podemos perceber que alfabetizar um indivíduo com base nesses métodos só o limita porque ele aprende a ler e a escrever com base no conhecimento do alfabeto, utilizando uma língua afastada daquela que utiliza no cotidiano. Aprender a ler e a escrever vai muito além desse de um simples conhecimento do sistema alfabético. Não é só ler por ler e escrever por escrever, mas sim saber fazer o uso das práticas de leitura e da escrita com autonomia no seu cotidiano.

Quadro 3

<b>PERGUNTA 3 - Você lembra de ter aprendido alguma palavra fora da escola? Conte como foi?</b>	
Participante 1	<b>Sim</b> . Como o meu tio era professor e lavrador acabei aprendendo muitas palavras em português com ele <b>fora do ambiente escolar</b> , entre elas, as cores <b>(amarelo, verde, azul, castanho, rosa, cinza, violeta)</b> . Aprendi essas nuances de cores no campo (mato ou lugar de cultivo), pois nesse lugar encontravam-se diferentes plantas com folhas que apresentavam cores variadas, então, o meu tio ensinava-me os nomes em português por meio das folhas e aspectos da natureza, como sol, céus etc., posto que naquela altura eu conhecia apenas as cores básicas <b>(preto, vermelho e branco)</b> .
Participante 2	Não me lembro, mas soube que aprendi algumas palavras em casa como: <b>mamã, papá, papa, vovó</b> etc. Não me lembro como foi.
Participante 3	Aprendi muitas palavras <b>fora da escola</b> , principalmente dentro da igreja, porque os professores da escola dominical quase sempre ministravam em português. Mas dentre as palavras que me marcaram foi a <b>usucapião</b> , que é um termo usado dentro do campo de Direito, que se refere a pessoa que adquire um imóvel por meio de longos anos de uso. Mas antes de saber o significado dela, eu pensava numa coisa totalmente distante. Eu achava que se referia a campeão de uma modalidade de esporte.
Participante 4	Considerado o meu local de nascimento que é muito distante das zonas urbanas, locais onde não são frequente escutar as pessoas a falarem a língua portuguesa ou crioulo, <b>na minha aldeia</b> poucas pessoas que falam crioulo e menos de um por cento fala português, dessa forma, <b>aprendi poucas palavras fora da escola</b> , as que me lembro são: <b>Bom dia, Boa tarde, Boa noite, Verdade, malcriado quanto, sim senhor</b> . aprendi essas palavras porque na altura eu ajudava meus pais a vende na taberna o fato que impulsiona meu contato com público diferente e falantes de muitas línguas
Participante 5	<b>Sim</b> , além do meu nome completo. Aprendi a ler palavra <b>Guiné fora da escola</b> , a palavra <b>Guiné-Bissau</b> estava escrita na camisa do meu

	<p>primo e li a palavra Guiné sem juntar três primeiras letras, exemplo: era para ler Gui-né, mas eu li assim: Gu-i-né. Daí meu primo me corrigiu e me ensinou como realmente é.</p>
Participante 6	<p><b>Sim</b>, várias palavras, porém ressaltarei uma que é a palavra “<b>inusitado</b>”. Aprendi essa palavra porque uma pessoa próxima a mim utilizava muito essa palavra e eu não sabia o significado dessa palavra, um dia decidi pegar no dicionário para descobrir o significado dessa palavra e foi assim que aprendi o que é a palavra “inusitado”.</p>
Participante 7	<p>É evidente que vivia no seio das pessoas que foram a escola alguns estava a frequentar o ensino básico. <b>Minha prima</b> lá em casa estava naquela altura a estudar. Tinha seus livros que sempre lia em casa, <b>repetíamos algumas palavras que ouvíamos dela apesar de não compreendíamos exatamente o sentido das palavras</b> que chamávamos, não obstante, isso seria como ponto de partida.</p>
Participante 8	<p><b>lembro sim</b>, foram os vogais do alfabeto português, pois os ditongos. Nos ditongos <b>o meu pai</b> associa cada uma pronúncia com a reação de alguns seres. Por exemplo: se a pessoa cortou o dedo, a sua reação é gritar “<b>ai</b>” e a partir desse processo consegui fixar os sons de cada ditongos.</p>
Participante 9	<p>Desculpa não me lembro! Mas lembrei que eu era amante de escrever na areia (chão) então, com base nisso sei que aprendi a escrever de <b>certa forma uma palavra fora da escola.</b></p>
Participante 10	<p><b>Não, não lembrei disso.</b></p>
Participante 11	<p><b>Com apoio dos meus pais em casa, fazia trabalhos de escola e soletrava, e fazíamos desafios de leitura abecedário e soletrar entre primos e meus vizinhos.</b></p>
Participante 12	<p>na verdade, eu aprendia escrever e ler algumas palavras <b>em casa</b> com o meu irmão mais velho, antes de começava a frequentar a escola, por exemplo, <b>o meu nome, da minha mãe e do meu pai.</b></p>
Participante 13	<p><b>Sim</b>, foi por curiosidade de mostrar aos outros que já sei ler.</p>
Participante 14	<p><b>não aprendi nenhum conceito ou palavra fora de escola</b>, porque os meus pais não sabiam ler e nem escrever a única pessoa que</p>

	frequentava a escola é a minha irmã mais velha eu só aprendi depois de começar a frequentar a escola.
Participante 15	Aprendi muitas palavras que hoje nem sei explicar direito, tipo cores, nomes dos animais etc. Através do hino nacional e nos desenhos que fazíamos dos animais e a nossa bandeira.

Fonte: dados da pesquisa

Com relação à terceira questão, a maioria informou que aprendeu algumas palavras fora da escola ou antes de começar a frequentar a escola, alguns não lembram de ter aprendido e um dos entrevistados falou que não aprendeu, porque os pais não sabiam ler e escrever.

As respostas apontam para o entendimento de que a maioria quando aprendeu as palavras não eram alfabetizados porque naquele momento não tinham começado a frequentar a escola, mas de certa forma são letrados porque aprenderam alguma palavra no seio familiar fora da escola, em situações de estímulo social à prática de leitura e entendimento da escrita. Com relação a essa questão, Soares (2009) aponta que:

Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada. Esses exemplos evidenciam a existência deste fenômeno a que temos chamado letramento e sua diferença deste outro fenômeno a que chamamos alfabetização, e apontam a importância e necessidade de se partir, nos processos educativos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita voltados seja para crianças, seja para adultos, de uma clara concepção desses fenômenos e de suas diferenças e relações. (SOARES, 2009, p.24-25)

O processo de Letramento é social, se dá de “baixo para cima” e está presente não só na escola, mas em todos os espaços sociais. Já o processo de alfabetização é intencional, se dá de “cima para baixo” e acontece principalmente na escola. No entanto, como dito anteriormente, os processos andam lado a lado, e ensinar um sem o outro causa dificuldades para os estudantes.

Quadro 4

<b>PERGUNTA 4 - Você lembra de ter entendido algum conceito ou ideia antes de aprender a escrever o nome desse conceito ou ideia? Conte como foi?</b>	
Participante 1	<b>Sim, lembro-me.</b> A minha infância foi marcada pelo contato com a natureza, por conta da vida que <b>o meu tio</b> , aquele que me educou, levava no campo. Ele ensinou-me desde muito cedo sobre a vida selvagem (plantas e animais). <b>Dizia que muitas relvas e plantinhas que morriam na época da seca não tinham crescido o suficiente na época chuvosa anterior para poder sobreviver a próxima seca, pois as suas raízes não eram longas.</b> Isso nunca saiu da minha cabeça. Então, no meu quinto ano de escolaridade, na disciplina de ciências naturais, num dos seus conteúdos sobre a <b>vida plantio</b> apontou que as plantas que morriam na época da seca eram aquelas que não tinham raiz longa em busca de água na camada mais profunda do solo. Logo, isso coincidiu com aquilo que eu havia aprendido com o tio, ou seja, um conceito aprendido antes de saber ler e escrever.
Participante 2	Antes de aprender a escrever soube que entendia <b>o conceito mamã e Papa,</b> chamava minha a palavra mamã olhando para a minha mãe e a mesma coisa acontecia com o meu pai.
Participante 3	<b>Não lembro de ter aprendido algo assim.</b>
Participante 4	<b>Aprendi dizer sim senhor</b> sem saber como se escreve este conceito ou a palavra. Este termo frequentemente era usa por <b>meu avô</b> que era antigo combatente da liberdade da pátria dizia que os soldados na altura usavam muito essa palavra quando dialogam com os chefes principalmente os que trabalha com os colonizadores em todas reuniões ou discussões os paliativos presentes só diziam sim senhor, ou seja, forma de aceitar tudo que os brancos diziam na altura mesmo sendo algo que não concordam. Assim sendo, através de diálogo com o meu avô aprendi algumas palavras antes de ingressar na escola, entre elas hoje lembro-me de sim senhor.
Participante 5	<b>Sim,</b> a palavra <b>obrigado,</b> a minha mãe me ensinava que cada vez que uma pessoa me fez algum favor eu tenho que dizer a essa pessoa obrigada

Participante 6	<b>Sim</b> , lembro-me de alguns, por exemplo, <b>cristão, professor, Casa, costureira, Bideira (vendedeira) etc.</b>
Participante 7	<b>É claro que não aprendia</b> nenhum conceito antes de começar a frequentar a escola e mesmo quando comecei a estudar não era assim tão claro, porque os professores não faziam aos seus alunos compreender muito bem o conceito através de exploração do próprio conteúdo a ser tratado.
Participante 8	<b>Não me lembro...</b> eu começava escrevendo alguns nomes que tem dois a três sílabas. Fazia a ortografia de um pequeno texto: O Dauda joga bilas...
Participante 9	<b>sim!</b> O conceito era <b>a pesca</b> , pois a <b>meu irmão</b> gostava muito de pescar com anzol e eu sabia como ele amarava o anzol para depois levá-la no mar com intuídos de pescar, mas aprendi tudo isso através dele. Desta maneira quando comecei a frequentar a escola no livro didático tinha um conceito relativamente a esse tema.
Participante 10	<b>Não, não lembrei também.</b>
Participante 11	<b>Sim, são tantos conceitos básicos da educação.</b> Os meus pais deram nos uma educação a base religiosa, em que sempre transmitiram conceitos como <b>“respeitar, humildade, bondade, bem e mal, amizade, Deus é pai, etc.”</b> ...
Participante 12	<b>sim aprendi</b> contar até 35, mas na altura não começava a frequentar a escola. Quando eu era criança, brincava com os meus colegas e infância, como sabemos qualquer criança dessa época vai lembrar do que eu estou a falar, aquele jogo que se chama <b>trinta e cinco</b> . No momento de jogo, fazíamos conta para ver se alguém vai atingir este número logo vai ser vencedor e daí contava sem conhecer os números bem, porque isto estava na minha memória.
Participante 13	<b>Não.</b>
Participante 14	<b>eu não entendia nada sobre qualquer conceito</b> porque eu nasci no interior do país e <b>os meus pais falava mais a língua étnica que é balanta</b> , de modo que era difícil entender qualquer conceito em português.
Participante 15	<b>Me lembro de ter entendido o conceito de Escola</b> , um lugar de

	aprendizagem que as pessoas vão para saber ler, escrever e contar tudo isso antes de saber escrever palavra escola, só de ouvir falar da escola em casa.
--	--

Fonte: dados da pesquisa

Nesta quarta questão, a maioria informou que entendeu alguns conceitos no seio familiar ou através do contato que tiveram com algumas atividades como pesca, lavoura ou pastagem, e isso aconteceu antes de aprenderem como é que se escreve e nomeia esse conceito. Alguns informaram que não entendiam nada e que não lembram de ter entendido.

Quando o indivíduo nasce ele é rodeado de pessoas: familiares, vizinhos, colegas e amigos. Durante o crescimento ele escuta muitas palavras e ideias vinda das pessoas que estão a sua volta no seu dia a dia. Ele escuta tais palavras repetidas vezes e acabam tendo noção do que significam sem saber escrevê-la, muitas vezes até identificando a palavra escrita sem saber lê-la.

Sobre isso, Freire (1989, p.9), em seu livro intitulado “A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam”, afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” porque a leitura do mundo é fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo e transformá-lo através de uma prática consciente. Por isso, para que o que está sendo ensinado faça algum sentido para o aluno é necessário que exista uma relação entre isso e a realidade em que o aluno está inserido. Em outras palavras, o conhecimento adquirido na escola precisa ser relacionado com o conhecimento adquirido fora dela.

#### Quadro 5

<b>PERGUNTA 5 - Qual foi o seu maior desafio ou dificuldade no processo de aprendizado de ler e escrever?</b>	
Participante 1	A maior dificuldade era o medo de errar, tanto no ambiente escolar como não escolar. O meu professor batia e muito em quem não conseguia ler ou escrever corretamente as palavras, do mesmo jeito, o meu tio que me acompanhava em casa também batia em mim com a palmatória quando lia as palavras de forma errada. Desta forma, demorei para evoluir na leitura e na escrita, pois sentia muito medo

	de ler ou escrever perante outras pessoas, até palavras que conseguia produzir sozinho e que tinha certeza de como eram pronunciadas.
Participante 2	<b>Não</b> me lembro de ter um grande desafio ou dificuldade durante o processo de aprendizado de ler e escrever, acredito que porque sempre <b>tive o auxílio do meu pai em casa e da professora no jardim infantil</b> , quando cresci e comecei a frequentar ensino primário passei dificuldades, mas quando estava a aprender a ler e a escrever se a minha memória não está falhando felizmente <b>não passei dificuldades</b> .
Participante 3	<b>Eu não tive muitas dificuldades</b> , pois eu aprendia as coisas de uma forma muito rápida. Eu conseguia memorizar as palavras e até às leituras. A dificuldade que eu sentia era na escrita. Às vezes eu trocava "ss" por "ç", e vice-versa. <b>E tive dificuldades em usar concordâncias e as pontuações</b> .
Participante 4	O meu maior desafio <b>era compreender o que está sendo ensinado</b> uma vez que na altura não entendia muito bem <b>a língua nacional</b> neste caso <b>crioulo</b> quanto mais <b>português</b> . Além da dificuldade da língua, também a <b>metodologia usada</b> pelos professores cria mais <b>barreiras</b> aos estudantes na medida que ficamos <b>com medo de falar ou de errar</b> para não levar os <b>castigos corporais</b> . Esses fatores criaram em nós timidez, pois não conseguíamos expressas e interagir na aula.
Participante 5	Desafio sempre foi <b>a língua portuguesa</b> , na época português era um algo novo para nós, a professora na maioria parte das aulas falava em português e nós não entendíamos praticamente nada. Essa nossa estranheza para com a língua portuguesa afetava muito a nossa aprendizagem.
Participante 6	O meu maior desafio de leitura <b>era de decifrar a noção de cada palavra</b> que li e em relação a escrever não me lembro.
Participante 7	<b>Eu na verdade não apresentava muita dificuldade</b> na principalmente no que concerne à leitura conhecia as letras e sons, por essa razão me possibilitava a fluidez na leitura.

Participante 8	A maior desafio que eu tinha, era para palavras longas.
Participante 9	O meu maior desafio era fazer junção das sílabas para construir uma palavra, e depois ler a mesma palavra.
Participante 10	O meu maior desafio ou dificuldade no processo de aprendizado de ler e escrever foi a questão da língua portuguesa, porque na sala de aula eu só falava o guineense. Portanto, se eu queria perguntar ao professor alguma coisa não falava, pois sentia que se falar errado, os colegas vão me gozar.
Participante 11	Falta de materiais didáticas modernizados, usávamos tábuas elaboradas e poucos quadros para escrever, tal que o quadro era feito na parede.
Participante 12	o meu maior desafio era tornar maior aluno da nossa turma, isso me fazia esforçar muito termo de saber ler e escrever. Procurava os que estavam mais avançados de que eu, como por exemplo, o meu irmão mais velho de me ensinar, isso me ajudou bastante na aprendizagem.
Participante 13	Não tive ajuda em casa.
Participante 14	o maior desafio que enfrentei no processo de aprendizagem foi a língua portuguesa, porque eu usava mais a nossa língua étnica balanta e um pouco de crioulo de modo que nos primeiros tempos de aprendizagem era muito difícil.
Participante 15	A minha maior dificuldade é na escrita, não tinha habilidade em escrever de forma legível, a minha letra é bem feia... Eu lia direitinho, mas não tinha uma boa caligrafia.

Fonte: dados da pesquisa

Na quinta questão a maioria dos entrevistados alegou que passou por dificuldades no processo de aprendizagem de ler e escrever e as dificuldades estavam relacionadas com o não entendimento da língua portuguesa, a falta de materiais didáticos, os castigos duros que recebiam dos professores na escola e dos pais em casa, e ainda com o não recebimento de ajuda por parte dos pais em casa, além de problemas relativos e os métodos utilizados para esse fim. Alguns falaram que não passaram por dificuldades com relação ao processo de

aprendizagem de ler e escrever porque obtiveram ajuda dos pais e os demais familiares em casa.

As dificuldades que a maioria alegou ter passado por conta de alguns aspetos não são novidade. Consistem em problemas que o sistema de ensino Guineense apresenta há muito tempo e até hoje são visíveis. A precariedade dos materiais didáticos é algo bastante sério e que precisaria de ser prioridade no sistema educacional guineense, se houver interesse no desenvolvimento econômico e social do país. A língua portuguesa é tida como única língua do ensino, sem levar em consideração as pessoas que, no seu dia a dia, falam outras línguas étnicas e o crioulo guineense. Isso significa dizer que a alfabetização realizada na língua portuguesa, independentemente do método utilizado, já é um processo distante da realidade social dos guineenses. Além disso, com as dificuldades próprias do aprendizado de uma língua distante de suas práticas, os estudantes guineenses ainda recebem castigos como a palmatória por terem dificuldade em ler e escrever em língua portuguesa. Quanto aos seus pais, nem todos sabem a língua portuguesa ou podem tirar um tempo para ajudar os filhos com deveres de casa ou para fortalecer o seu aprendizado. No meu caso, os meus pais também não tinham tempo para ajudar com os deveres de escola, mas pagavam um professor particular para ajudar nas explicações. Porém nem todo mundo tem essa possibilidade, porque depende muito da situação financeira de cada família.

Para que a aprendizagem seja válida e boa também depende muito da paciência e o apoio de quem ensina.

Para aprender algo, é preciso haver conhecimento prévio, ou seja, existe uma permanente transformação a partir do conhecimento já adquirido. Se, por um lado, é o que cada um possui de conhecimento que explica as diferentes formas e tempos de aprendizagem de determinados conteúdos que estão sendo tratados, por outro sabemos que a intervenção do professor é determinante nesse processo; seja nas propostas de atividades, seja na forma como encoraja cada um de seus estudantes a se lançar na ousadia de aprender, o professor exerce papel de grande relevância. (CIRIACO, 2020, p.5)

No caso da Guiné-Bissau, os conhecimentos que as pessoas adquirem fora da escola acontecem, em sua maioria, em língua guineense e, em alguns casos, em línguas étnicas. Quando entram na escola, os guineenses se deparam com o ensino e os conhecimentos em língua portuguesa, que não é sua língua materna, além de os conteúdos não serem relacionados com os conhecimentos com que o aluno já possuía ao chegar na escola. Isso

acaba prejudicando o aprendizado dos estudantes, pois o processo de alfabetização é feito de forma descontextualizada e o estímulo ao letramento é praticamente nenhum.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> As cores utilizadas no processo de análise das respostas foi para indicar pontos importantes, em comum e diferentes entre as respostas. A cor verde indica o que maioria tem em comum nas respostas, o vermelho indica respostas diferentes, o azul indica a resposta da entrevistados que se alfabetizaram depois da idade prevista para entrar no ensino básico e o azul petróleo indica pessoas que se alfabetizaram antes da idade prevista.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, tratamos sobre os conceitos de alfabetização, letramento e sua importância na formação humana. Em seguida fizemos uma contextualização sobre a Guiné-Bissau, o cenário multilíngue existente no seu sistema de ensino e como os processos de alfabetização e Letramento ocorrem no mesmo. Logo depois, explicamos como se dá o aprendizado de línguas no processo de escolarização dos guineenses. Por fim, abordamos sobre os processos de letramento promovidos no país.

Enquanto a isso percebe-se que os estudantes guineenses enfrentam grandes dificuldades no ensino com relação aos processos de alfabetização e letramento devido a adoção da língua portuguesa pelo sistema de ensino do país como sendo a única para alfabetizar e letrar os estudantes. Sendo assim, consideramos a importância de estudar os processos de letramento e alfabetização na Guiné-Bissau, a fim de contribuir com reflexões que possam melhorar a qualidade do ensino.

O trabalho teve como objetivo geral estudar a realidade da Guiné-Bissau em termos de alfabetização e letramento com vistas a contribuir para uma educação linguística mais democrática, organizada e desenvolvida. O objetivo foi contemplado, pois a pesquisa constatou que os processos de letramento e alfabetização são prejudicados e que os estudantes não saem bem-preparados das escolas por conta da língua portuguesa adotada pelo sistema educacional guineense, e não condiz com a realidade linguística do estudante. Além disso, existem outros problemas que a educação enfrenta.

Os objetivos específicos foram contemplados, pois conseguimos entender que os materiais didáticos utilizados e os métodos de ensino adotadas não contempla a todos os estudantes o que contribui para o baixo nível de alfabetização e letramento na Guiné-Bissau. Os materiais didáticos são escassos no país e não são produzidos lá. A maioria deles são provenientes do Portugal e Brasil - realidades e variedades do português diferentes da realidade e da variedade do português Guineense. A Alfabetização e o Letramento juntos são processos importantes que possibilitam a inclusão de qualquer que seja indivíduo na sociedade e proporcionam condições de participarem democraticamente das decisões e transformações sociais.

Os processos de Letramento e Alfabetização na Guiné-Bissau ocorrem em uma única língua adotada pelo sistema educativo que não corresponde com a realidade sociolinguística do país; Os métodos utilizados e a forma como são utilizados para alfabetizar e letrar as

peças não dão bons resultados ou não atendem ao bom desenvolvimento de capacidades e habilidades dos alunos; A falta de materiais didáticos adequados no ensino guineense que atendem as necessidades dos alunos com conteúdo e visões voltadas para a realidade do país para alfabetizar os alunos e buscar melhor estratégias de letramento para eles; essas são as hipóteses e a pesquisa conclui que elas foram confirmadas, porque a língua do ensino guineense não bate com a realidade sociolinguística do país. Isso prejudica os processos de Letramento e alfabetização.

A escolha do questionário como instrumento de coleta de dados para o presente trabalho se dá pelo fato de que não é preciso viajar para entregar ou recolher as respostas, economiza o tempo, obter respostas rápidas e inteligíveis, permite o alcance de muitos respondentes, ter pouca probabilidade de distorção e dá relevância a liberdade da resposta em razão de confidencialidade. Os questionários foram enviados muito cedo pelo WhatsApp. O uso desse aplicativo ajudou muito no envio rápido do questionário, não teve deslocamento e não teve custos. E no momento da coleta de dados deparamos com algumas dificuldades como a indisponibilidade das pessoas em ajudar com o processo, ou seja, por conta das demandas de vida de cada pessoa, bem como por conta do tempo e do interesse de cada um em ajudar.

Em suma, vale ressaltar que pouco se fala sobre o letramento na Guiné-Bissau, ou seja, ela é pouco conhecida pela sociedade guineense por ser um conceito novo, mas ela existe na Guiné Bissau porque são múltiplas e por múltipla não se vê a existência de um tipo que é o letramento escolar. Só se fala em alfabetização e é a mais conhecida no país. Por isso, o nosso trabalho foi pensado em estudar sobre ele juntamente com a alfabetização na Guiné – Bissau, propondo estratégias para melhoria do ensino quanto aos processos de letramento e alfabetização e no ensino da língua Portuguesa como L2 e que respeite a variedade guineense.

A educação não é favor nem caridade e ter acesso a uma educação de qualidade é direito de todos e é a obrigação do governo proporcionar isso as pessoas. Este direito deve ser respeitado e levada em consideração. É urgente que haja descolonização e africanização do modelo do ensino Guineense. Deve ser pensado um modelo do ensino que valoriza os saberes locais e que vai espelhar na sociedade Guineense, no qual realidade desse povo estará na base. Esse tipo de modelo vai permitir que os alunos conhecem as suas próprias realidades sociais, políticas, culturais e econômicas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Neide. **Letramento Racial**: um desafio para todos nós. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/> Acesso em: 18 fev. 2022.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athenas, 2013.
- BACHMANN, Agnes Caroline Silva. **O Bilinguismo no contexto escolar da Guiné – Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- BERNABÉ, Isabela Da Silva; MAROTTO, Luana De Carli; TELAU, Roberto. **Alfabetização**: um processo de construção. Castelo Branco Científica - Ano VII - Nº 12- janeiro/junho de 2017 disponível em: <http://revista.fcb.edu.br/img.content/artigos/artigo155.pdf> acesso em: 13 de fev.2022
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação - INEP. **Definição de letramento científico**. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/2010/letramento\\_cientifico.pdf](https://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/2010/letramento_cientifico.pdf) Acesso em 13 fev. 2022.
- CÁ, Virginia José Batista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**, Belo Horizonte 2015.
- CHISTÉ, Bianca Santos. **Letramento e cultura no contexto escolar**: um estudo de caso na Amazônia Ocidental - Rolim de Moura – RO. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Campus de Guajará Mirim, Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2009.
- CIRÍACO, Flávia Lima. **A leitura e a escrita no processo de alfabetização**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 4, 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/a-leitura-e-a-escrita-no-processo-de-alfabetizacao> acesso em 20 de outubro de 2022.
- COSSON, Rildo. **Letramento Político**: por uma pedagogia da democracia. cadernos Adenauer, XI, n. 3, p. 25-36, 2010.
- COSTA E SILVA, Jéssica Peniche. Identidade docente e letramento acadêmico: a Leitura e a escrita na formação dos professores. In: **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/ I Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação - SIRSSE**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 7882- 7893. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5985\\_3427.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5985_3427.pdf). Acesso em: 14 fev. 2022.
- FREIRE, Paulo, 1921 – **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARD MAGELA LOPES, Flavia Ana. **Letramento Linguístico e o Ensino de Gramática da Língua Portuguesa no Brasil**. *REVISTA DIADORIM*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 48 – 75, julh. / dez. 2017.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

HONÓRIO DO COUTO, Hildo; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e Cultura na Guiné-Bissau um País da CPLP**. PAPIA. Ed. Thesaurus, n. 20, Universidade de Brasília, 2010.

IÉ, Ivo Aloide. **Desafios do ensino escolar da Guiné-Bissau na perspectiva do letramento**. 2018, 63 f. Monografia (graduação)- Instituto de Humanidades e Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afró-Brasileira.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatísticas Básicas da Guiné-Bissau**. Bissau: INE, 2014.

JUSTO, Marcia Adriana Pinto Da Silva; RUBIO, Juliana De Alcantara Silveira. **Letramento: Uso da leitura e da escrita como prática social**. *Revista Eletrônica Saberes da Educação* – v. 4, nº 1, de 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013> acesso em: 20 de outubro de 2022.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar?” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005. p. 5-60.

**Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau**, Lei n.º 4/2011, de 21 de maio de 2010, publicado no *Boletim Oficial* n.º 13, de 29 de março de 2011

LOPES, Francisco João. **O Bilinguismo e a Problemática da Diglossia no Processo de Letramento: O caso de Cabo Verde e suas diásporas**. PAPIA 1 (1), p. 123-136, Universidade de São Paulo, 2011.

LOPES, Luísa Da Silva. **A Lei de Base do Sistema Educativo da Guiné-Bissau: Uma análise do processo de construção política**. 431 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Aveiro 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**. – 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARIANI, Bethania. **Colonização Linguística**. – Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

MENEZES, Karina Moreira; COUTO, Raqueline de Almeida; SANTOS, Sheila Carine Souza. **Alfabetização, letramento e tecnologias**. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 52 p.: il.

MENEZES, Leonarda Jacinto José Maria. **Letramento Bilíngue Em Moçambique: Considerações Preliminares.**

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. **Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau: 43 anos após a independência. Mandinga-Revista de estudos linguísticos**, Redenção-CE, v.1, n.1, p-39-57, jan.-jun. 2017.

PINTO, Ariana de Almeida, CARVALHO, Gislene, Lima. **Alfabetização e Letramento em Língua Portuguesa em Guiné-Bissau: uma análise de livros didáticos de 1ª e 3ª classe/série.** 2018. 32 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras-ihl, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; ERNANI, Cesar de Freitas. **Metodologia do Trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESENDE, Valéria Barbosa; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Letramento Escolar: reflexões sobre a produção escrita de adolescentes.** Educação em Revista, 31(4): 157-178 p, 2015. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/307677644\\_LETRAMENTO\\_ESCOLAR\\_REFLEXOES SOBRE A PRODUCAO ESCRITA DE ADOLESCENTES](https://www.researchgate.net/publication/307677644_LETRAMENTO_ESCOLAR_REFLEXOES SOBRE A PRODUCAO ESCRITA DE ADOLESCENTES) acesso em: 20 de outubro de 2022.

SAE DIGITAL. **O que é Letramento?** Disponível em: <https://sae.digital/o-que-eletramento/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- **Metodologia do Trabalho Científico** – 23ª. ed. Revista e Atualizada. – São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda - **Letramento: um tema em três gêneros** - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 128p. 2009.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas\***, 2003. Universidade

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop** / -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SOUZA, Ana Lucia Silva; JOVINO, Ione da Silva.; MUNIZ, Kassandra Da Silva. **Letramento de (Re) Existência: um conceito em movimentos negros.** Revista ABPN, [S.I], v. 10, Ed. Especial p. 01-11 jan. 2018. Disponível em:

<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/556> . Acesso em: 13. fev. 2022.

SOUZA, João Paulo Nogueira De; LEITE, Rogerio Bezerra. **Alfabetização Nos Dias Atuais: o que mudou dos métodos antigos para os que utilizamos hoje.** [s.n.], 2018. Disponível em:

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/alfabetizacao-nos-dias-atuais-mudou-dos-metodos-antigos-para-que-utilizamos-hoje.htm> acesso em 13 fev.2022.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. – 8. ed. – São Paulo, Cortez, 2006. – (Coleção Questão da Nossa Época; v.47).

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>  
acesso em: 13 fev.2022

WORLD BANK. The World Bank in Guinea - Bissau. disponível em:

<https://www.worldbank.org/en/country/guineabissau/overview>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.